

O ESPÍRITO DA COMUNICAÇÃO

POR

João Paulo Almeida Siqueira de Oliveira
(Aluno do curso noturno de Comunicação Social)

Monografia de Conclusão
de Curso entregue à
disciplina Projeto
Experimental II

Orientador: Potiguara
Mendes da Siveira Jr

OLIVEIRA, João Paulo Almeida Siqueira de Oliveira; **O Espírito da comunicação**, Juiz de Fora: UFJF, 1.SEM.2005

87 FLS em formato A4

Banca Examinadora:

Relatora: Profª Drª Marta Araújo Pinheiro

Profº Convidado: Paulo Roberto Filgueira Leal

Orientador: Potiguara Mendes da Silveira Jr

Conceito atribuído ao trabalho _____ em ___/___/___

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao Espírito da Verdade e aos teóricos da comunicação. Aos meus pais por terem me aceitado nesse mundo. Aos meus irmãos por conseguirem me ajudar na minha adaptação. Ao Poti por ter sido sempre um mestre de verdade. E, principalmente, ao amor que surge sabiamente em meu coração: Priscilla.

ÍNDICE

1 – Introdução

2- Sobre a Comunicação

2.1 – Os Fundamentos Científicos da Comunicação

2.1.1 – Os Fundamentos Biológicos da Comunicação

2.1.2 – Os Fundamentos Antropológicos da Comunicação

2.1.3 – Os Fundamentos Psicológicos da Comunicação

2.1.4 – Os Fundamentos Sociais da Comunicação

2.1.5 – Os Fundamentos Lingüísticos da Comunicação

2.1.6 – Os Fundamentos Filosóficos da Comunicação

2.2 – As Teorias da Comunicação

2.2.1 – Paradigma Funcionalista-pragmático

2.2.2 – O modelo de Harold Laswell

2.2.3 – O modelo de Paul Lazarsfeld

2.2.4 – Modelo teórico-matemático da Comunicação

2.3 – Os meios e a troca de linguagem

2.3.1 – Os meios e as mensagens

2.3.2 – A evolução das estruturas lingüísticas

3 – O Espiritismo e a Comunicação Mediúnica

3.1 – Os princípios do Espiritismo

3.2 – A Mediunidade e o Médiun

3.2.1 – A Mediunidade através dos tempos

3.2.2 – Mediunidade: conceito e classificação

3.2.3 – O conceito e a classificação dos Médiuns

3.2.4 – A localização física da Mediunidade

4 – O Espiritismo e o pensamento humano

4.1 – Os fluidos e o fluido cósmico universal

4.2 – O corpo espiritual ou fluídico

4.3 – Afinidade fluídica e sintonia vibratória

4.4 – A comunicação através dos pensamentos

4.5 – Os níveis da comunicação mediúnica

4.5.1 – A Psicografia

4.5.2 – A Psicofonia

4.5.3 – As manifestações visuais: vidência e clarividência

5 – Conclusão

6 – Bibliografia

1-INTRODUÇÃO

Estamos ligados aos fatos de uma forma muito mais íntima que podemos perceber com os nossos habituais sentidos. Os resquícios culturais e animais de nossos antepassados permanecem em nosso cotidiano como uma espécie de DNA eterno. A questão da morte acaba por limitar as ações do homem. O medo da perda é inerente à vida no Ocidente. Por estar preso sentimentalmente à bens ou pessoas, as ações ansiosas e egoístas do homem ocasionam terríveis conseqüências para o bem estar no planeta. Se houvesse a certeza de que estamos estagiando em algum tipo de escola para um lugar livre da finitude, provavelmente, algumas atitudes estariam menos em voga. Assim, as angústias e aflições do homem poderiam ser superadas. Família, posição social, dinheiro, verdade e mentiras teriam um caráter muito menos pragmático e de difícil digestão como têm hoje em dia.

O homem passou por fases extremas durante a sua existência. Começou cultuando a natureza e o exterior no tempo sagrado e antigo. Com a decadência do divino, passou a se auto-cultuar em posição narcísea e voltada para as virtudes mais materiais possíveis. Então, vêm o Espiritismo para dizer que não é um, nem outro. Nem é o céu, nem é a Terra. Na verdade, o homem é o meio termo, ele é a mensagem. Através da sua decodificação, da sua decifração, poderá ele se acalmar e assim, entender o universo e o seu habitat.

A comunicação entre os homens seria, também, o meio termo de todas as coisas. É ela uma constante universal, apontada por todas as áreas do saber como diferencial para a evolução do homem. É pela troca de informações genéticas que a vida animal se estabelece. É pela comunicação que o conhecimento se estrutura. É por ela que os fluidos se interagem e as relações se estabelecem. A comunicação é responsável por todos os fenômenos sejam do micro ou do macro universo. Ela está subentendida à qualquer coisa, inclusive à criação. Desta forma, queríamos através deste trabalho, escrever tecnicamente sobre um tipo de comunicação que está fora da razão acadêmica, mas que a tem como base e se verifica por ela. Esta comunicação acaba por indicar uma esperança para o entendimento do homem, do seu meio e de sua finalidade. Estaremos apresentando as idéias sobre a comunicação entre “vivos” e “mortos”, baseado nos estudos desenvolvidos pelo Espiritismo.

O que motivou o estudo da comunicação de forças invisíveis foi o fato de termos estudado, ao longo destes cinco anos de curso, disciplinas que envolvem muito mais a abstração e a subjetividade – molas indispensáveis para o desenvolvimento do raciocínio. Tanto os estudos de Semiótica, quanto as aulas de Psicanálise nos mostraram um envolvimento do homem no mundo, muito maior do que ele mesmo imagina. Estes dois ecos do saber humano apontam para uma realidade invisível que se ocupa das relações do homem consigo ou com o seu meio.

O Espiritismo afirma-se como uma tríplice aliança de forças: a filosofia, a ciência e a religião. A religião informa, a filosofia indaga a informação e a ciência comprova a religião. Não é por acaso que os estudos da Física Quântica apontam para uma aproximação com a Filosofia do Oriente. Para o Espiritismo não há faltas, muito menos dogmas. Acredita que não há nada que não seja natural, ou seja, não acredita no sobrenatural. Para o Espiritismo, o Espírito e a comunicação são as duas forças constantes no universo. O Espírito como criador e a comunicação como criatura. A mensagem seria, então, o próprio homem e sua história.

O primeiro capítulo desta monografia é a compilação dos fundamentos científicos da comunicação e das chamadas teorias de massa. Temos como objetivo alcançar um conceito do que seja comunicação em uma forma mais abrangente. No fim deste primeiro passo, estaremos apresentando as idéias de Marshall McLuhan e de Pierre Lévy para que possamos estender o papel do meio e as trocas de linguagem que o homem passou ao longo da construção de seu código de comunicação.

No segundo capítulo estaremos apresentando os princípios da Doutrina Espírita para entender o porque desta comunicação e de que forma ela se manifesta. Estaremos definindo o conceito de médium e o seu papel nesta comunicação. Tentaremos desligar de nossos estudos a parte religiosa da Doutrina que se baseia nos ensinamentos do Evangelho Cristão. Entretanto, vale a pena lembrarmos que um dos livros da codificação do Espiritismo, “A Gênese” é, justamente, um tratado científico que tenta explicar racionalmente os fatos ditos “milagrosos” ocorridos na história dos Evangelhos cristãos.

A terceira e última parte deste trabalho visa explorar a hipótese de haver muito mais coisas entre o céu e a terra que suspeite nossa vã filosofia. Apresentaremos os conceitos elementares da comunicação espiritual e os meios e processos sofridos para que tal

fenômeno possa ocorrer na natureza. Neste momento, estaremos expondo o conceito de perispírito, fluido, frequência, afinidade fluídica e sintonia vibratória. Estes termos são basilares para o entendimento da linguagem comunicacional proposta pelo Espiritismo. A Doutrina Espírita aponta o pensamento como grande meio de comunicação do homem.

Não temos a pretensão de formular qualquer tipo de teoria. Até por que o relatado neste trabalho é estudado e discutido todos os dias nos milhares de centros espíritas espalhados por todo o país. Nada do que está sendo dito nestas páginas foi retirado da minha imaginação ou de outra pessoa isoladamente. Todo o conteúdo acerca do Espiritismo e da comunicação espiritual está a disposição de quem quiser estudá-lo nas livrarias e nos cursos oferecidos gratuitamente nos centros. O que estamos fazendo é a simples união de alguns conceitos que nos parecem familiares demais para permanecerem distantes uns dos outros.

2 - SOBRE A COMUNICAÇÃO

Neste capítulo estaremos expondo os significados do ato de comunicar-se desenvolvidos nas diversas áreas do saber ocidental. Partiremos do campo biológico, passando pela antropologia e pelos estudos psicológico sobre a comunicação humana. Iremos também averiguar os conceitos aceitos pela sociologia, pela filosofia e pelos lingüistas. Na segunda parte deste capítulo, o que estará em pauta serão as teorias de comunicação de massa, reveladas, principalmente, a partir do início do século XX e desenvolvida por lingüistas, sociólogos e estudiosos dos efeitos encontrados no processo de comunicação através dos veículos midiáticos. Finalizaremos esta parte de nossos estudos com as investigações sobre o meio e sobre a passagem das eras de comunicação ocorrida em nossa civilização. Para tanto, estaremos observando os pressupostos incutidos no Ocidente por McLuhan e Pierre Lévy.

2.1 – OS FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS DA COMUNICAÇÃO

O caráter fundamental do conhecimento técnico e teórico da comunicação entre as áreas do saber é cada vez mais evidente nos tempos da simultaneidade. De modo geral, a comunicação parece ser uma constante em todas as ocasiões da vida humana. Se levarmos o conceito de comunicação para este lugar abrangente, teremos a própria vida como fruto

da troca de experiências. Afinal de contas, o surgimento e a adaptação da vida orgânica se deu pela interação de partículas inorgânicas e, em seguida, por genes. No mesmo sentido, temos a comunicação como criadora e incentivadora da cultura. Isto pode ser observado desde os povos mais primitivos, aos olhos do materialismo ocidental, até os mais intelectualizados. Portanto, o conhecimento da comunicação não fica restrito apenas aos efeitos massificantes dos veículos da mídia, muito pelo contrário, seu sentido amplo está presente no dia-a-dia do ser, fazendo parte de sua estrutura psicológica, cultural, social, biológica e evolucionista.

2.1.1- FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO

Segundo o professor Expedito Teles, comunicar implica em movimento. Desta forma, “comunicar-se é sair de si mesmo para ir ao encontro do outro”¹. Afirmar Teles, que o fundamento da comunicação está na capacidade dualística das moléculas: elas doam e recebem ao mesmo tempo, medeiam o espaço se equilibrando, ora entregando seus produtos ao meio externo, ora absorvendo as substâncias para seu interior. Esta qualidade é ampliada ou diminuída de acordo com a capacidade de organização das moléculas. A estrutura comunicante - aquela que realiza *movimento* - tem sua intensidade medida de acordo com sua complexidade. Por exemplo, a intensidade comunicacional de uma rocha é menor do que a dos vegetais, assim como a do homem é superior a dos animais. Desta forma, é possível falar em comunicação num sentido evolucionista.

Por implicar movimento, segundo Teles, “comunicação é sinônimo de vida”, ou seja, autodesenvolvimento imanente. Para o autor, imanência é “toda ação que começa e termina na mesma unidade dinâmica de um ser individual”. Ou seja, uma estrutura na qual tudo se realiza e se encerra. A comunicação dos minerais ocorre de forma primal, porém não deixa de se enquadrar neste propósito de inferir à comunicação o significado de movimento. As partículas nucleares de uma rocha se atraem e se repelem, em um movimento ininterrupto.

As células vivas são entendidas como a unidade atômica dos vegetais e dos minerais. Elas têm como característica as trocas ativas e incessantes de energia no interior dos corpos. Seus movimentos são cíclicos e a interação energética orienta, polariza e agrupa as partículas nucleares para formar os átomos, as macromoléculas e as substâncias integrantes dos seres vivos. Já no mineral, o átomo é esta unidade de composição. Ele é constituído de partículas menores, que, por sua vez, são integradas por outras unidades menores ainda.

Segundo Teles, a comunicação dos seres ocorre em sentido que vai de dentro para fora. As informações atômicas partem de seu centro – o núcleo – para a periferia. Dentro de cada estrutura na natureza, existe um sistema micromolecular de comunicação². Seu grau

¹ TELES, Expedito *in Fundamentos científicos da comunicação*, Petrópolis, 1973: pp. 17-72

² *Ib. Op. Cit.*

de perfectibilidade é maior ou menor de acordo com sua organização. O nível mais básico de comunicação está entre as partículas encontradas em todos os seres. A comunicação micromolecular é “um denominador comum extensivo a todo ser possuidor de organização química”³. No mineral, este nível básico se faz solitariamente presente. Entretanto, nos animais e nos vegetais, co-existem além deste outros sistemas de comunicação que dão a eles a qualidade múltipla de atividade e funções.

2.1.2- FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO

O trabalho da antropologia, segundo João de Souza Brasil, seria o de procurar generalizações sobre o homem e seu comportamento. Para analisá-las em todas as suas dimensões. Para ele, a comunicação é a interação humana, “um processo que tem lugar entre indivíduos com um ego, ponto de vista e uma certa orientação dentro de um esquema de valores morais”⁴. Este processo, para ser completado, necessita da interpretação do estímulo inicial por uma outra pessoa que não seja a fonte do estímulo.

A comunicação enfoca a troca de mensagens em uma situação social. Desta forma, qualquer comportamento pode ser considerado como comunicativo. A comunicação envolve qualquer comportamento que possa exprimir alguma mensagem. A mensagem indica o estado e a situação do emissor, assim como influencia o comportamento do receptor.

No processo de comunicação há quatro elementos: *emissor, mensagem, receptor e contexto*⁵. A presença destes elementos, segundo Brasil, pode ser implícita ou explícita. O fenômeno comunicacional tem um sentido aberto, pois está estabelecido em qualquer forma de interação ocorrida, deste o mundo inorgânico até o mundo superorgânico – cultural. Este fenômeno passa pelas diversas formas de estimulação dos seres vivos entre si e com o meio ambiente.

A comunicação possui uma base anatômica e neurofisiológica, e possibilitou à espécie humana

³ Ibidem

⁴ BRASIL, João Pompeu de Souza *in Fundamentos científicos da comunicação* pp. 73-104

⁵ Op. Cit. P. 100

engendrar meios para modificar o ambiente geográfico, permitindo uma grande versatilidade à espécie. A anatomia humana se difere da dos demais animais num sentido de utilização e harmonização do meio em que se habita. Se os corpos dos animais são adaptados ao ambiente em que sobrevivem, é o homem quem adapta a natureza para que possa viver. O urso polar desenvolveu, em sua evolução, uma grossa camada de gordura e pelos para se proteger das baixas temperaturas, já o ser humano fez casas e confeccionou roupas para que o protegessem do frio avassalador.

A evolução e o processo de comunicação não podem ser avaliados apenas a partir das emoções de um indivíduo. A diversidade cultural faz com que um mesmo termo seja usado e entendido de forma diferente em dois lugares com culturas diversas. A interpretação dependerá do contexto, que, por sua vez, é signatário da experiência de vida e do estado de espírito do receptor.

2.1.3- FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO

Segundo José Maria Pereira⁶, o ser humano é um “sistema” aberto em intercâmbio consigo mesmo e com o meio em sua volta. A psicologia estuda os fenômenos subjetivos, o comportamento dos indivíduos e as características peculiares a cada ser. O fenômeno de ordem mental é conhecido como “psiquismo” o qual é criado através dos constantes estímulos sofrido pela mente humana. O psiquismo tem um duplo movimento: os estímulos são provenientes do interior do ser e do exterior. A excitação (portanto, o estímulo externo) é captada pelos órgãos dos sentidos. Já a incitação, seu oposto, vinda do interior do ser, chega ao cérebro através de nervos denominados aferentes.

Os estímulos formam uma reação em cadeia. Eles são registrados quando percebidos. Em seguida, acumulados na memória e codificados através da vivência do indivíduo. A partir de então ocorre a “devolução” do estímulo ao meio através dos nervos eferentes que realizam a reação, a ação ou a conduta. Os estudos de Pereira apontam que, quando um estímulo é direcionado ao mesmo alvo diversas vezes, cria-se o que é chamado de “apercepção”. Este estímulo continuado seria o produto de toda aprendizagem. A apercepção está ligada à função cortical denominada “consciência”. Esta função pode permanecer ausente em uma conduta automática e reflexa, entretanto, quando presente, seu papel é de selecionar, criticar, analisar, sintetizar e discernir a conduta de um ser humano.

A falta da deliberação do pensamento consciente e espontânea é produzida por uma conduta automática. A mensagem subliminar é um dos meios registrados fora dos limites da capacidade cortical. Desta maneira, as informações de tal mensagem escapam à “análise dos valores próprios de cada ser”⁷. Estas mensagens e a repetição incessante de uma mesma mensagem, segundo Pereira, causam uma fadiga cortical, anulando a crítica e a análise do ser humano.

O conjunto sensorial do homem possui funções de extrema importância para o funcionamento de sua mente. Entre os destaques, temos a atenção e a memória. O primeiro é o direcionamento, deliberado ou provocado, da capacidade cortical a um setor específico. Esta atividade é posicionada para algo delimitado e concentrado. Os sinais recebidos são registrados de maneira correta se a intensidade de concentração na atenção for satisfatória.

⁶ PEREIRA, José Maria Nascimento *in Fundamentos científicos da comunicação* pp. 105-144

⁷ Op. Cit. P. 107

Assim, entra em ação o segundo elemento que é a memória. Quanto maior o número de órgãos do sentido relacionados à atenção, melhor e mais nítido será o registro e o arquivamento.

A memória tem como função fixar e conservar a nitidez das imagens, evocar as imagens por associação e reconhecer ou identificá-las de acordo com a marcação da referência sociocultural e individual de cada um. Pereira afirma que “durante a comunicação entre um transmissor de sinais ou símbolos e seu receptor, deve haver um denominador comum nos seus sistemas de memória para que as mensagens atinjam os objetivos desejados”.

É utilizado nas mensagens um sistema coletivo, preestabelecido, de símbolos e sinais. Na aprendizagem, são incorporados os sinais e os símbolos de cada sistema sociocultural. As emoções e a afetividade compõem o “estado de humor”. São reações neurofisiológicas de curta duração, da qual o corpo também participa. Na transmissão de sinais ou símbolos, a forma emocional e o tom de afetividade produzem variadas repercussões de coerência entre o que se diz e o que se sente. O emissor necessita de um “estado vivencial” coerente para convencer os receptores e se fazer entender.

A reação subjetiva intensificada e ocasionada por um estímulo externo ou interno tem influência direta no processo comunicacional. Suas bases são as necessidades de sobrevivência social e existencial do ser humano. É necessário o entendimento entre os indivíduos para se compreender o mundo que os cerca. O conhecimento é formado quando os estímulos percorrem os estágios de sensação (cérebro), percepção (registro das imagens), apercepção (conceituação e identidade) e são conservados na memória.

O mundo do sub-consciente é constituído de imagens. Elas sofrem um processo de elaboração e conceituação para que assim, o homem obtenha suas idéias a partir da criação dos símbolos verbais que são designados por Pereira como sendo os pensamentos. Ao exercitar o pensamento através do confronto de símbolos, o homem tenta alcançar o significado máximo de uma idéia. Do mesmo modo, a mente separa os atributos e as qualidades de uma imagem ou idéia até que ela se verbalize e seja representada em forma de palavra.

Segundo Pereira, o pensamento é o produto de uma síntese e é formado por símbolos verbais. A participação do ser no pensar e na verbalização é total e complexa. A

intenção é a tônica do pensamento e as palavras fluem compondo um significado pela coesão da idéia central daquilo que se deseja transmitir. O pensamento se forma através da conceituação, julgamento e raciocínio⁸.

Ao tentar se comunicar com seus semelhantes, o homem transmite seu mundo subjetivo de valores, nos quais está embutida uma postura interior, resultado de sua experiência pessoal. O universo pessoal é resultado da convergência multifatorial da existência. Portanto, este processo é o pensar.

A criação atende à necessidade interna do ser. Quando o ego faz a síntese do próprio ser, ele cria. Não há espontaneidade na criação do homem, tudo faz parte de um processo de catarse, ou seja, exteriorização de algo latente em seu interior. Isto é uma necessidade de auto-realização. Quando se cria, sentimentos e emoções entram em conformidade com o raciocínio e o pensamento. Portanto, na máquina de funcionamento humano, as afetividades estão em contato direto com a intelectualidade. Acima de tudo, o homem que cria ou inventa é como se fosse um aparelho receptor e captador das frustrações e das exigências do seu mundo contemporâneo em uma espécie de inspiração. Pereira chama este estado de *intuição*⁹. O autor ainda afirma que “o inventor é um indivíduo que preenche espaços vazios que existem na escala gradativa das necessidades do ser humano”(1973: p. 114).

Uma mensagem se repercute se houver um grau de coincidência na média de interesses dos receptores. A captação e a intuição são altamente necessárias para a comunicação. A partir delas se descobre o fator comum que afeta os receptores. O emissor, ao mesmo tempo que transmite, se identifica com os aspectos dos receptores. O eco de uma mensagem é proporcional à amplitude da vivência de quem as recebe e a simultaneidade com que se envolvem os elementos da personalidade do receptor. O emissor da mensagem se comunica como totalidade, assim, se identifica e se funde na própria mensagem, “diluindo-se no mundo dos receptores”. Desta forma, é possível identificar uma personalidade, ou mesmo, as intenções de uma empresa midiática através das suas mensagens.

⁸ Conceituação: formação do mundo individual e do mundo dos conceitos generalizados. São utilizados marcos de referência para estimular a função de conceituar e definir.

Julgamento: expressão da posição assumida, ao negar ou afirmar algo. Há então uma avaliação deste algo e uma atitude interna ou externa ao fim do processo.

Raciocínio: Encadeamento de juízos para que a conclusão seja definida.

⁹ Op. Cit. P. 112

A visão de mundo de cada um dá a qualidade e a intensidade das comunicações. A forma como se sente a vida ou percebe-se o mundo determina a postura em face das mensagens lançadas e de seus conteúdos, objetivos e afetividades. Pereira afirma que “a biografia de cada um está presente naquilo que comunica”. (Op. Cit. P. 122)

Para o estudo da comunicação é essencial ter-se conta da motivação. Ela é baseada na apreensão, captação e compreensão de um ato ou fenômeno interpessoal. Quando se emite uma mensagem, há um risco maior ou menor, de “motivar” ou “desmotivar” os receptores. A idéia de motivar provoca o aparecimento da resposta, ou seja, de uma ressonância psicológica de movimento ou ausência de ação. Na comunicação interpessoal, o emissor e o receptor das mensagens agirão e reagirão em função dos sinais ou dos símbolos presentes no “aqui e agora” do encontro. Para poder se entender as motivações de cada um, é necessário que se conheça a fonte emissora, o receptor, a ressonância e a discrepância da mensagem. Assim como seu conteúdo, sua composição e os sinais ou símbolos utilizados na mensagem. A comunicação é um fenômeno que acontece de forma global e instantâneo. Por isso, é um conjunto harmônico, formado por partes interligadas simultaneamente no momento em que circulam as mensagens.

2.1.4- FUNDAMENTOS SOCIAIS DA COMUNICAÇÃO

O fundamento da vida social pode ser percebido no processo de comunicação humana. Ela só é possível porque o homem vive em sociedade, e esta só é realizada enquanto estiver embasada em um sistema de comunicação¹⁰. Em seus estudos, Menezes aponta a comunicação como “um processo social básico”¹¹. Ela é um movimento social que envolve tudo. Por isso, examinar a comunicação é como examinar a própria sociedade. Conhecer a comunicação é conhecer a ti mesmo.

Segundo Menezes, a comunicação é um processo e não uma coisa. Assim, suas características são as mutações, seu corpo fluídico e sua consistência multidirecional, manifestada em níveis diferentes de realidades. Estas circunstâncias acarretam à comunicação diversos tipos de análise.

¹⁰ MENEZES, Ditay Bezerra de *in Fundamentos científicos da comunicação* – pp. 145 - 206

¹¹ Op. Cit. P. 147

Menezes sustenta que, para a sociologia, a comunicação significa “estar em relação direta com”, representa a ação de pôr em comum, de compartilhar idéias, sentimentos e atitudes. Sobretudo, a comunicação é a interação no meio social, é um tipo de organização possuidora de um caráter de processo criador de laços, tornando-o um processo sociocultural. Para que haja efeito desta relação no meio, torna-se necessária a criação de códigos com regras e signos.

A contemporaneidade eleva o status da comunicação a quase divina. Sua insurgência no cotidiano dominou todos os meios sociais e a informação transformou-se em moeda básica, afetando todos os setores da vida social e econômica. A comunicação é um “fluxo permanente de informações intercambiadas nas diversas situações sociais geradoras do processo e por ele geradas”¹². É uma operação em contínua mutação, desenvolvendo no tempo e sendo aleatória, variável e probabilística.

A comunicação serve ao comportamento do homem para se adaptar. Para que isso ocorra, ele precisa de um conjunto de relações que mantenha consigo mesmo e com os outros. Assim, a comunicação acaba sendo caracterizada como um processo de inferência e categorização. Por isso, um elemento só adquire significado quando estiver sendo referido á uma estrutura de significação. Esta estrutura representa a relação entre o indivíduo e o mundo. Desta forma, o contexto para Menezes é o único gabaritado para dar o significado. Afinal de contas, os estímulos só serão percebidos em um quadro de referências que lhes atribui significados. É pela estrutura que se alcança o sentido daquilo que por ela é estruturado. Sem o conhecimento desta estrutura, temos um fenômeno inexplicável e, por isso, necessitando de uma escala de observação ampla para incluir o contexto em que se manifesta a comunicação. Menezes argumenta¹³ que só existe comunicação quando há correspondência entre as estruturas envolvidas no processo.

2.1.5- FUNDAMENTOS LINGÜÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO

Os meios vocais são os mais utilizados pelo homem, por isso, são vistos com maior apreço pelos estudiosos. A comunicação falada é onipresente e faz parte de todas as culturas, assim como tem um aspecto de convergência nas mais variadas formas. Uma

¹² Op. Cit. P. 156

¹³ Op. Cit. 157

língua pode ser traduzida e exposta por qualquer outra, mesmo que ambas usem aspectos diferentes para se comunicar. A comunicação como condição basilar para a sociabilidade, pressupõe um intercâmbio entre os seres para que seja possível a transmissão de conhecimentos e experiências.

Toda comunicação é composta por signos nos quais estão impregnados dois objetos, que são o conteúdo, significado abstrato e a forma significante concreta. Na vida social, vários são os signos que constituem as linguagens menos ou mais específicas, porém todas participando da mesma essência. Sausurre diz:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; chamá-la-emos *Semiologia* (do grego *semion*, signo). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como ta ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis á Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido dos fatos humanos¹⁴.

A Lingüística passou a ser a ciência da significação. Assim, a Semiologia é um processo de extensão da própria Lingüística. Marcondes Rosa de Souza expõe que “se toda comunicação se efetua através de signos, a significação é o próprio objeto da comunicação”¹⁵. Por isso, argumenta que o estudo da Lingüística e da Semiologia não podem ser dispensáveis no entendimento da comunicação.

A Semiologia se ocupa da linguagem em uma dimensão mais ampla como universo dos signos da vida social. Já a Lingüística estuda os signos fônicos. Adam Schaff, em *Introdução à semântica*, define a linguagem como “todo e qualquer sistema de signos de um tipo definido, que serve para o fim da comunicação”¹⁶.

A linguagem compreende todo processo de comunicação que seja composto por um emissor, sujeito ativo da comunicação; um ou vários receptores, os decodificadores da mensagem comunicativa; um código de sinais comum aos agentes da comunicação; um canal físico que una os comunicantes psiquicamente; um contexto semelhante entre emissor e receptor; e por fim, a corporificação da informação que é a própria mensagem.

O signo é a unidade básica dos sistemas de comunicação. Ele representa a unidade de significação. Ele apresenta em si dois aspectos, ao mesmo tempo que tem uma porção

¹⁴ SAUSSURE, Ferdinand, *Curso de Lingüística geral*, São Paulo, 1970. p. 24

¹⁵ SOUSA, Marcondes Rosa de in *Fundamentos científicos da comunicação* pp. 207 – 240

¹⁶ Apud in Op. Cit. P. 211

física, o significante, um objeto sensível aos nossos órgãos da percepção; possui, também, o significado, a expressão abstrata do signo. Os signos estão em contato paradigmático direto com os demais signos, formando uma cadeia de relações entre os significados e significantes.

2.1.6- FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA COMUNICAÇÃO

É imprescindível, ao se falar em comunicação, discutir os pressupostos filosóficos e o conhecimento humano. A Teoria do conhecimento têm três aspectos de estudo: *Existe algo? É possível conhecer? Pode-se transmitir?* É nesse lugar que a comunicação e a filosofia se encontram, entretanto, inverte-se as perguntas para o primeiro: *Pode-se comunicar? Se conhece o que se comunica? Existe o que se conhece?*

Comunicar é transmitir alguma coisa. Comunicar alguma coisa significa conhecer a coisa comunicada, isto é, a coisa apreendida, significada, vivida. Conhecer alguma coisa representa a existência da coisa. Conhecer é conhecer-se alguma coisa existente.¹⁷

O homem, ao longo das eras, criou várias imagens do próprio mundo. No primitivismo, temos um homem submerso na natureza com uma visão mítica e religiosa. Apesar de um caráter pré-lógico, o mito é uma visão do mundo executada pelo homem. Na Idade Média o teocentrismo se apoderou das mentes, influenciadas pelos religiosos, tanto cristãos como pelos mulçumanos. Na Idade Moderna, o homem aparece como sendo o centro das atenções. Nos dias atuais, o passado, o presente e o futuro se confundem, transformando o momento em algo polarizado por relações e passagens. Assim o homem se indaga: ele é um ser repetidor ou criador? A autora do artigo sobre a filosofia e a comunicação, afirma que o homem está no “entre”. É como se o homem fosse o meio termo de todas as coisas do mundo e, por isso, ao mesmo tempo tem em si o objeto e é o criador, o sujeito. Portanto, o mundo está no homem, assim como homem é do mundo¹⁸.

O homem recebe as influências do mundo da mesma forma que o influencia. É um animal de natureza dialogante, por isso, é um ser comunicante. Ele é essencialmente um comunicador.

¹⁷ SÁ, Adisiaá in *Fundamentos científicos da comunicação* p. 241 - 287

¹⁸ Op. Cit. P. 247

Nem objeto, nem sujeito respondem a uma situação de passividade. Simultaneamente, o homem é sujeito e objeto no processo do conhecimento. Observa e é observado. Quando passa pelo mundo, o homem deixa seus vestígios pelo lugar e, ao mesmo tempo, é bombardeado com a presença do mundo. Ou seja, afeta e é afetado. Por isso, vale dizer “que tudo que existe é conhecido e tudo que é conhecido é transmissível, comunicável”¹⁹.

A comunicação do homem se faz no espaço social e cultural. Ele se comunica com todo o seu ser, pois recebe todas as impressões e está apto as funções de receber e transmitir. O homem é um criador de signos e símbolos.

A Teoria do Conhecimento tem como base o sujeito e o objeto. Este binômio gira em torno do que é chamado de gnoseologia²⁰. Os dois pontos, ao longo da história, têm variado de posição. Há momentos em que um é o centro e o outro circunda pela periferia, porém são inseparáveis para a filosofia dialética. Este modo de encarar as coisas com dualidade é próprio da metafísica. Objeto e sujeito ocupam, para estes, um mesmo lugar transcendente e autônomo. É uma espécie de visão unilateralista do universo²¹.

Graças à abstração o sujeito não apreende o objeto apenas pelos órgãos dos sentidos. Pelo intelecto, o homem capta, armazena, seleciona, escolhe impressões e reações. Ele se utiliza da reflexão dos estímulos para poder agir ou não-agir. O pensamento, representação mental, apreende a abstração, mas só se concretiza quando é comunicado. Segundo Sá, não existe comunicação sem mensagem, da mesma forma que não há mensagem sem uma linguagem. Por isso, diz-se que a linguagem é o instrumento do pensamento. O mundo sensível fornece material para que o pensamento possa se corporificar na linguagem intelectual.

A inteligência leva o homem ao agir, por isso é um ser ativo e, principalmente, sensorial. Possui antenas de recepção em permanente processo receptivo. Ele capta vários estímulos simultaneamente. Pode-se, pois, dizer do homem como um ser aberto. Por receber e armazenar imagens por várias vias, ele é capaz de fazer abstração e reflexões para agir com seu próprio tempo em reação aos estímulos recebidos do exterior e de seu interior. Assim, o pensamento é o precursor da comunicação, pois é ele que se transforma em

¹⁹ Op. Cit. P. 249

²⁰ Teoria do conhecimento que tem como principais fundadores John Locke e Kant

²¹ Op. Cit. P. 254

linguagem simbólica capaz de fazer dois pontos (duas mentes) se entender ao observar um mesmo objeto.

2.2.1- AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Nesta segunda parte do primeiro capítulo iremos tratar das teorias de comunicação lançadas ao mundo a partir do início do século XX. Temos como objetivo explicitar os conceitos expostos em relação á comunicação de massa. Posteriormente, faremos mais um confronto destas teorias com a teoria de comunicação mediúnica. Tentaremos, ao longo dos próximos capítulos, comparar as teorias de massa e o significado da comunicação em diversas áreas com a teoria de comunicação transpessoal (mediúnica). Iremos buscar partes, ou mesmo teorias completas que possam fazer analogia entre a comunicação de massa e a mediúnica para, desta forma, poder confrontar a segunda com as teorias de comunicação formuladas no século passado. Nosso objetivo se fundamenta à instrumentalização dos dois tipos de comunicação. Se na comunicação de massa os aparelhos utilizados para a distribuição das mensagens é o rádio, a TV, o jornal impresso, a rede, etc; na comunicação mediúnica, o dispositivo usado para efetuar a troca de informações entre um plano e outro é o médium²². Ou seja, na primeira, os meios são sistemas maquínicos, conhecidos como mídias; e na segunda, o meio é um ser vivo, uma mente que possui livre-arbítrio.

Neste item do capítulo, estaremos utilizando os conceitos formulados em “Modelos Teóricos de Comunicação”, por Ilana Polistchuck e Aloísio Trinta, na obra, “Teorias da comunicação: o pensamento e a prática ao jornalismo²³”.

2.2.1- PARADIGMA FUNCIONALISTA-PRAGMÁTICO

Até a terceira década do século XX, muitos eram os teóricos que afirmavam o ser humano como obediente a “automatismos comportamentais²⁴”. Desta forma, configurou-se que os meios de comunicação tinham um poder absoluto e incontestável. O processo de

²² Segundo o Espiritismo, médium é todo aquele que intermedia a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material, ao qual nós habitamos. (Kardec: 1861)

²³ Rio de Janeiro: Campus, 2003

²⁴ Apud Op. Cit. P. 83

industrialização e urbanização do fim do século XIX e início do XX, levou a um sentimento de impessoalidade nas relações, um anonimato nas atitudes e um envolvimento social mecanizado. As diferenças pessoais passaram a ser vistas como inexistentes, passando a existir, então, uma “sociedade de massas”²⁵. O indivíduo perdeu sua unicidade e foi isolado na massa, sem face e sem passado, na qual se verificavam inúmeros outros “anônimos”.

Naquela época, os jornais, o cinema e o rádio – a mídia - eram vistos como únicos capazes de comunicar a essa “massa”, “composta por indivíduos completamente isolados”²⁶. Acreditava-se que este grupo de indivíduos não possuía barreiras contra as investidas da mídia. Por isso, nos Estados Unidos, este efeito ficou conhecido como “bala mágica”, pois era “uniforme, direto, indiscreto e agia indiscriminadamente”²⁷.

Este modelo ficou conhecido como “agulha hipodérmica”, tal qual uma injeção subcutânea. Nele foi postulada uma enorme vantagem para a fonte emissora²⁸, deixando o receptor²⁹ em uma posição de total passividade. Este modelo comunicacional enxergava a mídia como uma “seringa”, inoculando informações, injetando idéias, diminuindo as resistências e submetendo o receptor às vontades do emissor.

O funcionalismo

sociológico afirma que há uma tendência permanente para o equilíbrio das funções, com um entendimento pacífico dos valores componentes da sociedade. O funcionalismo acreditava que o desenvolvimento dos meios de comunicação fizesse surgir “novas necessidades sociais”. Por isso, tais meios deveriam proporcionar os contentamentos da população exposta à ação destes veículos³⁰.

²⁵ Ibidem

²⁶ Op. Cit. P. 84

²⁷ Ibidem

²⁸ Emissor: aquele que emite uma mensagem. Daquela que parte...

²⁹ Receptor: quem recebe uma mensagem. Destino final de ...

³⁰ Op. Cit. P. 85

Assim, os fenômenos e os fatos comunicacionais podem ser explicados pela maneira como se inter-relacionam dentro do sistema que integram.

O *paradigma funcionalista-pragmático* foi desenvolvido nos Estados Unidos por filósofos que acreditavam no rigor científico do positivismo e nas atitudes produzidas pelo pensamento pragmático. As pesquisas eram em torno das “trocas sociais”. Assim, buscavam explicar a organização social da mesma forma que a sobrevivência dos costumes e das tradições formuladas pelas funções exercidas pelo homem e pelas instituições criadas por ele³¹. Os funcionalistas faziam analogia entre o corpo humano e o corpo social, afirmando que “cada indivíduo e cada instituição existentes contribuem funcionalmente para a manutenção da organização social”³².

Em se tratando da Comunicação, os funcionalistas avaliavam o alcance “psicossocial” das mídias. Ocupavam-se da influência e dos efeitos produzidos pelos meios de comunicação, que denominavam “de massa”. A mídia, assim, situava-se em uma posição contrária à sociedade e ao indivíduo. Ela influenciava o comportamento individual e, sucessivamente, o desejo coletivo.

Os funcionalistas se detiveram na análise do *emissor* e suas intenções ao comunicar. Para eles, era necessário conhecer a forma e a simbologia das mensagens postuladas pelos meios de comunicação, pois tais veículos, poderiam ser utilizados para a educação e a correção de problemas sociais. Segundo os funcionalistas, por causa da possibilidade do homem de ser condicionado por imagens, opiniões e idéias, para que o efeito fosse conhecido, bastaria que elas fossem bem codificadas e bem canalizadas³³.

Em relação à *recepção*, era necessário conhecer seus gostos, modos e predisposições para que fosse possível corrigir a emissão realizada. Por causa deste fator, as teorias funcionalistas deram origem a uma importância maior às pesquisas de opinião³⁴.

³¹ Op. Cit. P. 86

³² Ibidem

³³ Op. Cit. P. 87

³⁴ Ibidem

2.2.2- O MODELO DE HAROLD LASSWELL

Buscando na arte retórica do filósofo grego Aristóteles, o cientista político e professor Harold D. Lasswell formulou um modelo de Comunicação teórico. Aristóteles ensinou que comunicar significa *persuadir*. Neste processo, há uma “pessoa que fala”, que o seria o *quem*. Esta pessoa estaria pronunciando alguma coisa, que seria o *que*. E, ela se dirige a alguém que a escuta, portanto, *a quem*. Este, então, seria o *paradigma clássico da comunicação*³⁵. Lasswell acrescentou um *por que meio* (como) e um *com que efeitos* (para quê) aos formulados por Aristóteles (*quem, o que, a quem*). O ato comunicacional passou a ser encarado como um encadeamento interrogativo: *Quem diz o quê, por que meio, a quem e com que efeitos?*

O contexto histórico em que se situava Lasswell era definido pelo ímpeto da comunicação política e da comunicação publicitária, bem como pelo impacto de ambas na sensibilidade dos receptores. Era necessário conhecer funcionalmente como circulavam as mensagens, indo de um agente emissor a um indivíduo receptor e surtindo determinados efeitos. (Polistchuck e Trinta: 2003)

Desta forma, pesquisar o “*quem*” é saber sobre o comunicador e de qual forma ele inicia e conduz este processo. Estudar o “*quê*” é analisar o conteúdo. Ao pesquisar o “*como*”, investigando o meio de propagação da mensagem, é fazer uma “análise de mídia”. Estudar aqueles que são alcançados pelos meios de comunicação é fazer uma “análise de audiência”³⁶. Além disso tudo, Lasswell reconhece haver no processo de comunicação aquilo que é chamado de “feedback”, ou seja, a retroalimentação, o efeito voltando no sentido do destino ao emissor (ação e reação).

Polistchuck e Trinta apontam, entre outras coisas, as seguintes conclusões chegadas por Lasswell³⁷:

- a mídia afeta o público pelos conteúdos que divulga;
- os efeitos produzidos são as reações manifestas do público: atenção, compreensão, fruição, avaliação, ação;
- o contexto social, cultural e ideológico e a predisposição do público influenciam na sua reação;

³⁵ Op. Cit. P. 88

³⁶ Op. Cit. P. 89

³⁷ Ibidem

- os conteúdos disseminados pela mídia estão dentro do contexto vigente;
- os conteúdos constituem um dos fatores que provocam reações do público.

2.2.3- O MODELO TEÓRICO DE PAUL LAZARSFELD

As premissas básicas do Professor Paul Lazarsfeld era de que o ser humano é dotado da capacidade de “fazer escolhas”. Desta forma, afirmou que “cada indivíduo é capaz de procurar e encontrar um meio de comunicação cujo conteúdo mostre compatibilidade às suas convicções e a seus modos de ver”³⁸. Segundo o teórico, os meios de comunicação teriam uma disfunção “narcotizante”, entorpecendo a sensibilidade do público, através do excesso de informações, embutidas de forma desordenada. Este “bombardeamento” levaria o público ao desinteresse intelectual pelo meio de comunicação, conduzindo à uma atitude passiva diante destes veículos de informação.

Uma das formulações mais proveitosas de Lazarsfeld era sobre o “líder de opinião”, encontrados em variadas camadas sociais, e com um potencial de influenciar informalmente atitudes individuais e “padrões coletivos de comportamento”³⁹. Este processo foi chamado de “Duplo-fluxo de comunicação” (two-step flow of communication). As mensagens que não atingem a maioria da população, são “filtradas” e “deglutidas” por pessoas com conhecimento intelectual e que possuem influência na sociedade. Suas opiniões e atitudes perante às informações influenciam outras pessoas.

Cada membro de uma sociedade integra vários grupos, formal ou informalmente constituídos, e, ao interagir com eles, se faz permeável à sua influência. Pelo simples fato de a exposição à mídia ser também uma “experiência de grupo”, os meios de comunicação atuam de modo bastante semelhante ao papel que as relações interpessoais desempenham na vida de todos nós; e essas relações servem como instrumento para que se alcance uma rápida adaptação individual ao modo de ser, pensar, agir do grupo. (Polistchuck e Trinta: 2003)

O conceito do duplo-fluxo de comunicação é de que, as idéias partem dos meios de comunicação para os formadores de opinião e destes, para os setores mais passivos do público⁴⁰.

³⁸ Op. Cit. P. 91

³⁹ Op. Cit.

⁴⁰ Ibidem

Segundo Lazarsfeld, o público têm uma postura “seletiva” diante da mídia, isto é, há uma escolha do seu posicionamento perante os meios de comunicação que lhe interessem. São estes indivíduos que buscam uma ampla variedade de veículos para formular suas opiniões. Não ficam relegados a um modelo só de comunicação, muito menos, os aceitam como verdade incondicional. Contrariando os estudos do início do século XX, são indivíduos que tomam atitudes conscientes, interpretam e selecionam as mensagens. Assim, conclui que os efeitos da mídia são da ordem do “reforço”, e não da “mudança”.

2.2.4- MODELO TEÓRICO-MATEMÁTICO DA COMUNICAÇÃO

O modelo desenvolvido pelos engenheiros Shannon e Weaver é simples e aplicável a qualquer sistema de informação. Para eles, uma fonte humana emissora de informação elege uma mensagem dentre várias possíveis; um emissor mecânico codifica a mensagem e a converte em sinais a partir de regras de um código pré-estabelecido. Os sinais convertidos são transmitidos por um canal a um receptor. Este capta os signos e decodifica seu código emitido. Assim, recupera a mensagem original e permite a sua assimilação por parte do destinatário humano.

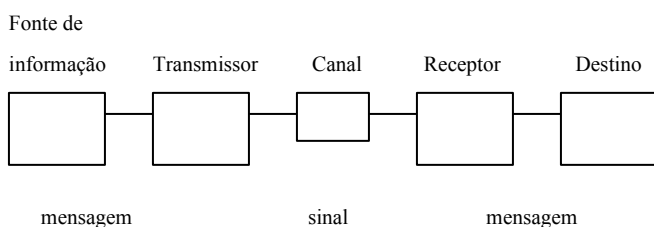


Fig.1 – Diagrama do sistema geral de comunicação de Shannon e Weaver⁴¹

Muitos foram os teóricos que se utilizaram do modelo construído por Shannon e Weaver. Um deles foi David Berlo que indicou a fonte emissora e o destinatário como possuidores de caracteres idênticos e com as mesmas qualidades presentes. Trinta e Polistchuck, embasados nos escritos de Berlo, ensinam que “em um ato comunicativo bem-sucedido, emissor e receptor devem revelar alguma equivalência no que toca ao domínio de um mesmo código”⁴². Mais tarde, o teórico Wilbur Schramm, revisando a obra de Shannon e Weaver, retirou de sua teoria os elementos designados como transmissor e receptor, pois considerava a fonte e o emissor um mesmo sistema, assim como o par formado por receptor e destinatário. Para ele, o comunicador é quem codifica a mensagem e a dirige na direção de um receptor. A mensagem seria composta por sinais e pode ser interposta por ruídos.

⁴¹ SHANNON & WEAVER, Teoria Matemática da Comunicação, São Paulo: 1975

⁴² Op. Cit. P. 106

2.3- ENTENDENDO OS MEIOS E A TROCA DE LINGUAGENS

Na terceira parte deste capítulo estaremos dando ênfase aos estudos de Marshall McLuhan e os de Pierre Lévy. Teremos como enfoque principal a participação do meio no processo de comunicação e a troca das linguagens comunicacionais.

2.3.1 - OS MEIOS E AS MENSAGENS

À medida em que pesquisadores, estudiosos, os usuários das tecnologias e a sociedade vivenciam, percebem e questionam os efeitos das novas tecnologias, como a TV na década de 60, e o computador e a internet, recentemente, as alusões à obra de McLuhan tornam-se inevitáveis. O teórico prontificou em apontar que cada meio teria implicações econômicas, políticas e culturais. Isto foi possível, pois sua teoria dava conta, exatamente, da mudança de um olhar fragmentado, para uma visão simultânea dos efeitos do meio ao homem. A simultaneidade permitiu que várias mídias pudessem existir concomitantemente, inclusive, os próprios computadores caseiros, símbolos da velocidade que surgem dessas novas tecnologias, são o suporte em que a realidade de McLuhan vem à tona: Um mesmo meio é capaz de transmitir mensagens de várias mídias, por variadas linguagens.

Portanto, os estudos de McLuhan apontam para um futuro híbrido entre as forças comunicacionais, os meios de comunicação, e os homens - mentes criativas que poriam em interação os diversos meios existentes e que ainda não foram totalmente descobertos em sua operacionalidade. Como prova disto, temos a evolução histórica dos meios. Se hoje temos como necessário apenas um suporte capaz de transmitir imagens, sons, tipos e dados, a história da civilização ocidental aponta para a evolução destes meios a partir de outros suportes, mais simples que o atual e que atuavam de maneira secular em relação aos sentidos do homem. Assim, temos a grafia grega, passando pelos livros cânones, pela imprensa, pelo telégrafo, pelo rádio e pela TV. Todos estes, feitos cada um em seu tempo e com sua função presente na evolução de sua época, hoje em dia, reunidos em um suporte

apenas que é microcomputador caseiro conectado à internet, dá a dimensão exata da simultaneidade proclamada pelo professor canadense.

Marshall McLuhan tem seus estudos voltados para a passagem da era mecanizada, pautada na fragmentação das atividades e das relações humanas, para a era da informação elétrica. Este novo momento é uma forma de apresentação mais rápida e envolvente da comunicação. As relações passam a ter caráter simultâneo. O sujeito passa a ter uma personificação tecnológica, atuando em comunhão com o meio. Um sendo a extensão do outro. Os estudos de McLuhan não se preocupam com a eficácia técnica da comunicação, mas sim, com os efeitos adquiridos sobre a sensibilidade individual e coletiva⁴³. A mensagem passa a ser considerada um conjunto de resultados práticos de uma tecnologia de comunicação. Ela deixa de ser considerada um conteúdo e se configura como um meio.

McLuhan, conhecido como *profeta da era eletrônica*, afirmou que os meios de comunicação deveriam ser entendidos como *próteses técnicas*, que prolongam o corpo humano e estendem os sentidos fundamentais, intensificando a percepção⁴⁴. Para ele, existe um determinismo tecnológico operante, chamado de *automação*, em todos os níveis de organização social. A automação institui um novo hábito de percepção, em que toda tecnologia de comunicação contribui decisivamente para uma nova configuração de um meio social. Os meios de comunicação, ao mesmo tempo, que dão possibilidade de existência para a mensagem de um meio social, carrega em si, no seu corpo, formato, ideologia e seguimento, o próprio meio social que se apropria do canal para a transmissão de suas mensagens. Assim funciona a automação, ao mesmo tempo que transmite, produz dados.

McLuhan afirma em *Os meios de comunicação como extensões do homem*⁴⁵ que os efeitos do meio criam novos ambientes, novos lugares. Estas novas ambientações na aldeia global⁴⁶, reprogramam a vida sensorial. O autor avaliza a situação dos relacionamentos humanos a partir de inovações tecnológicas que instrumentam a prática da comunicação.

Os meios de comunicação, no ocidente, a partir da operacionalização da prensa por Gutenberg ampliam a visão do homem sobre a natureza e sobre o próprio ser humano.

⁴³ TRINTA, Alúcio, Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo. Rio de Janeiro (2003) p. 134

⁴⁴ MCLUHAN, Marshall, *The gutemberg galaxy: the making of typographic*

⁴⁵ MCLUHAN, Marshall, *Os meios de comunicação como extensões do homem*

⁴⁶ MCLUHAN, Marshall O meio são as Massa-gens

Antes, a possibilidade de se reproduzir os livros e a linguagem escrita, eram velados aos poderes religiosos e à alta nobreza. O conhecimento era confinado aos mosteiros e a educação, um privilégio só encontrado nestes lugares. No renascimento, através da tipografia, surge a possibilidade da cópia mecânica de um original. Isto fez com que o conhecimento passasse a ser disseminado entre os nobres menos abastados e a população do ocidente e, não mais, um privilégio de poucos letrados e acariciados pelo dom divino. Segundo Pierre Lévy⁴⁷, o alfabeto e a impressão, aperfeiçoamentos da escrita, desempenharam um papel essencial no estabelecimento da ciência como modo de conhecimento dominante.

Da mesma forma, a revolução industrial, com seus meios pesados, como o trem e os grandes motores a vapor, determinou a aproximação da cultura rural com as ruas da cidade. McLuhan dialoga sobre as potências de mundo reveladas pelos novos meios de comunicação em relação aos já vigentes. No primeiro capítulo do livro que sintetiza suas teorias⁴⁸, o teórico afirma que “a estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou as escalas das funções humanas anteriores, criando tipo de cidades, de trabalhos e lazeres totalmente novos”.

Assim, para ele, a sociedade se comporta de acordo com as suas possibilidades de comunicação. A inovação técnica é reconhecida como uma inovação perturbadora, inquietante. As novas tecnologias trazem impacto físico e social, criando um novo ambiente. As conseqüências psíquicas e sociais características das antigas tecnologias serão afetadas. Assim, as mudanças decorrentes das inovações são dificilmente aceitas. Elas contrapõem um modo de pensar antigo e passa a inserir um novo ambiente que não mais funciona à maneira anterior. Seguindo a lógica da inter-relação dos meios com a comunidade, afirma o teórico, que as sociedades sempre foram mais moldadas pelo caráter dos meios pelos quais se comunicam do que pelos conteúdos da comunicação⁴⁹. É como se fossem as características de um meio que moldassem o caráter da sociedade que dele se utiliza.

A modificação de nossa maneira de pensar e de agir é ocasionada pela ampliação de qualquer um de nossos sentidos pelos meios de comunicação. Os sentidos do homem foram

⁴⁷ LÉVY, Pierre, *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro (1993) p 87

⁴⁸ MCLUHAN, Marshall, *Os meios de comunicação como extensões do homem*, p. 22

⁴⁹ Apud Trinta: 1993

ampliados quando aconteceram passagens de linguagens. Antes o conhecimento era transmitido pela fala e captado pelo ouvido. Assim foi na passagem da oralidade primária, na qual o indivíduo está fundamentado na gestão de sua memória, para a oralidade secundária, tal como temos hoje, uma oralidade que acompanha o desenvolvimento das imagens. A passagem do conhecimento oral, transmitido pela boa memória auditiva, para a memória datada por uma linguagem escrita, os olhos passam a dominar a estética. Formula-se através da transposição da fala para a escrita, uma linguagem híbrida e racionalizante.

De todas as grandes uniões híbridas que geram furiosa libertação de energia e mudança, nenhuma supera o encontro entre as culturas letradas e as culturas orais. A alfabetização fonética deu ao homem um olho por um ouvido - e esta é, política e socialmente, talvez a mais radical explosão jamais ocorrida em qualquer estrutura social. A esta explosão do olho, que se repete freqüentemente nas “áreas atrasadas”, chamamos de ocidentalização. (McLuhan: 1963)

McLuhan afirma que os meios nos prolongam, provocam as guerras de experiência dentro de nós. Por um lado a experiência visual e por outro a experiência auditiva. A inter-relação entre os meios pode ser reconhecida como uma guerra civil⁵⁰, que corrói tanto nossa sociedade quanto nossa mente. Por causa de nossa sociedade ocidental topográfica, nossos estudiosos partem do princípio de que hábitos de uniformidade e continuísmo são índice de inteligência. Sendo assim, eliminam o homem-tato e o homem-ouvido⁵¹. A hibridização ou o cruzamento de meios libera grande força ou energia. No estudo da física, temos como exemplo o resultado da interação de meios, a fissão ou a fusão. McLuhan⁵² explica que os meios ou extensões do homem são agentes produtores de acontecimentos e, não, produtores de consciência, a combinação desses agentes oferece uma oportunidade para o conhecimento dos seus aspectos componentes e suas propriedades estruturais. O cineasta russo Sergei Eisenstein, em *Notas de um diretor de cinema*, escreve que “Assim como o filme silencioso reclama o som, o filme sonoro reclama a cor”⁵³. Esta observação pode ser estendida a todos os meios. A evolução destes meios necessita da intervenção do homem para que ocorra sua inter-relação. Afinal, estes meios são extensões de nós mesmos.

Da mesma forma, os meios
de comunicação criam novas

⁵⁰ MCLUHAN, Marshall: 1963 p 67

⁵¹ Idem p 32

⁵² Idem67

⁵³ Apud McLuhan: 1963

correlações entre eles mesmos quando estabelecem relações recíprocas de um meio a outro. O cinema e a TV, assim como os grandes computadores e os micros caseiros são exemplos dessa convivência. Um se apoiou na fundamentação do outro, porém, ao surgir como um novo potencial abalador do antigo, nem a TV, nem os computadores foram capazes de destituir do mundo a película e as grandes máquinas eletrônicas. Por isso, McLuhan expõe que existe a influência de um sobre o outro, entretanto, o superado não é destruído pelo que o superou.

A nova tecnologia vigente no mundo é a automação. Ela é integral e descentralizadora em profundidade. Para McLuhan⁵⁴, quando o nosso sistema nervoso central passa a ser capacitado tecnologicamente (o computador é formulado a partir das conexões e sistemas do cérebro humano) para envolver-nos na humanidade inteira, surge a automação. Ela é o resultado do desenvolvimento intelectual sobre a utilidade e as características da energia elétrica. O teórico diz que a luz elétrica é informação pura. Assim, esta nova era, também pode ser chamada de era da informação. Ela é um meio sem mensagem, que só se transforma em mensagem quando é usado para apontar alguma declaração verbal ou algum nome. Este fato caracteriza que o conteúdo de qualquer meio é sempre um outro meio ou veículo. Ele explica, como exemplo, que o conteúdo da escrita é a fala, assim como, o conteúdo da imprensa é a escrita. Ele se refere às conseqüências psicológicas e sociais dos grafos e padrões que aceleram o processo que já existem antes. A

⁵⁴ MCLUHAN, Marshall 1963, p. 18

luz elétrica tem como conteúdo outros meios, situações que necessitam de sua existência para o seu funcionamento. São ocasiões como intervenções cirúrgicas que usam aparelhos elétricos e práticas esportivas noturnas que não aconteceriam se não existisse a luz elétrica. Por isso, *o meio é a mensagem*, afinal é ele quem conforma e domina a proporção e a configuração das ações e das associações humanas. O conteúdo de um meio interfere no significado natural que este tem. A luz elétrica não é facilmente percebida como meio de comunicação, pois ela não possui conteúdo próprio. Ela apenas dá vazão para que os conteúdos de outros meios sejam revelados.

Ainda segundo McLuhan, a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, ritmo ou padrão que estes introduzem nas relações do homem. A ausência de luz nega ao homem a visão ou a utilização dos meios existentes em determinado lugar. É como se a luz desse direito de existência aos objetos que ilumina. A mensagem da luz elétrica é descentralizada, difusa e totalmente radical. Ela independe dos fatores ligados ao tempo e ao espaço. Estes meios não introduzem movimentos ou características à sociedade humana, mas aceleram e ampliam os padrões das funções humanas anteriores a ele. Criam, assim, tipos de comportamento totalmente novos. Se referindo a Shakespeare, McLuhan diz que a luz que passa pela janela, fala e não diz nada.

Desta forma, McLuhan reafirma que a luz elétrica origina a maior das revoluções. Ela extermina a seqüência e torna as coisas simultâneas. Com a velocidade instantânea presente na propagação da energia, resultando no efeito da luz, a causa das coisas vieram novamente á tona. Isto não acontecia quando o mundo se revelava em seqüências.

Quando as formas atingem o seu ponto máximo, a estrutura do ser revela formas novas e contraditórias. A mecânica nunca foi capaz de revelar tão explicitamente em sua natureza fragmentada ou seqüencial, o momento em que fomos conduzidos, para além do mecanismo, no que se diz respeito a um mundo de crescimento e de inter-relação orgânica⁵⁵.

O resultado negativo da automação ganha com a eletricidade, a partir dos seus novos modos de associação, é o fato dela tender a eliminar empregos. Entretanto, o seu ponto positivo deriva da possibilidade da criação de papéis com um sentido maior de participação que a tecnologia mecânica havia destruído. Ele afirma que o cinema nos

⁵⁵ Idem p.26

transportou do mundo das seqüências e dos encadeamentos para a realidade das estruturas e das construções de criatividade. A mensagem cinematográfica enquanto meio é a mensagem da transição para a configuração, a partir da sucessão linear. Assim, a seqüência mecânica do cinema é sucedida pela velocidade elétrica, e esta, torna audíveis e claras as linhas de força⁵⁶. O cinema apareceu como um mundo de fantasias triunfantes em uma sociedade altamente mecanizada e letrada. Os sonhos disseminados pelo cinema acusavam a possibilidade de serem comprados a todo custo pelo dinheiro.

A causa do desenvolvimento e das mudanças é a mecanização, porém o princípio desta, exclui a possibilidade de crescimento e o esclarecimento das transformações. Criando, assim, um paradoxo. Isto ocorre por que a mecanização realiza-se pela fragmentação de um processo, seguido da serialização das partes divididas. A cultura ocidental foi acostumada a dissolver e estraçalhar todas as coisas. Esta determinação é imposta pela necessidade de controlar⁵⁷ inerente à nossa cultura (MCLUHAN, 1963:20). A associação e o trabalho humano foram moldados pela técnica de fragmentação, que é o fundamento da tecnologia da máquina. No século XVII, Hume explicitou que não há princípio de casualidade numa mera seqüência. O filósofo afirma que o fato de uma coisa seguir a outra não significa absolutamente nada. A simples sucessão não conduz a nada, a não ser para a mudança de um estágio à outro. O resultado é devido ao uso dessas novas tecnologias e, não, a mudança de uma para a outra. Para que os homens deixem de se espantar com a evolução dos meios, necessita-se que se investigue as ações destes meios. Ou seja, estudando as ações, poderemos verificar por que os meios começam a funcionar, muito antes de darmos conta de seu início, assim poderemos “pensar as coisas antes delas serem produzidas”.

Segundo o teórico⁵⁸, antes, a mensagem era o conteúdo. Agora, na era da eletricidade, a idéia integral da estrutura e configuração se tornou dominante. Em lugar de usar, raciocina sobre o uso. Ao invés de operar elementos previstos, usa-se o raciocínio sobre o todo para ampliar as linhas de força. Assim, não se exercita o que está dado, mas sim, pensa-se sobre como está dado.

⁵⁶ Idem p.27

⁵⁷ Os meios de comunicação como extensões do homem (p.22)

⁵⁸ 58 MCLUHAN, Marshall, 1963 p 28

Como importante fonte de análise, surge, então, o cubismo. Para McLuhan, este substitui o *ponto de vista*, por todos os lados do objeto apresentados simultaneamente. O cubismo apresenta um jogo de planos contraditórios, ou seja, um dramático conflito de luzes, texturas e estruturas. Estas características infundem e forçam o entendimento da mensagem por envolvimento. O cubismo desfaz a ilusão da perspectiva em favor da instantânea apreensão sensória do todo, exibindo o dentro, o fora, à frente, as costas, o acima e o abaixo, em duas dimensões. Assim, o cubismo anuncia que *o meio é a mensagem*.

Antes do próprio cubismo, as artes sempre se revelaram como precursoras dos meios de comunicação. Quando a produção de máquinas era nova, gradualmente foi se criando um lugar cujo conteúdo era o velho ambiente agrário. Este momento foi se elevando em categoria de forma artística por obra do novo ambiente mecânico. A máquina acabou por transformar a natureza em uma obra de arte. Pela primeira vez o homem passou a olhar a natureza como fonte de valores estéticos e espirituais. Assim, define McLuhan na introdução de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, que toda tecnologia nova cria um ambiente que é logo considerado maculado e degradante. O novo ambiente transforma seu predecessor em forma de arte. Desta forma, para o autor, a idade industrial transformou a renascença em uma forma de arte. Já na nova era da eletricidade, McLuhan encara o processo de mecanização como um processo artístico.

Quando as tecnologias proliferam e criam series inteiras de ambientes novos, os homens começam a considerar a arte como um “anti-ambiente” ou “contra-ambiente”. São estes lugares de oposição que nos permite enxergar e perceber o próprio ambiente. A sucessão rápida de um lugar para o outro, já nos prepara para um próximo ambiente. Deu-se assim com os canais transmitidos pela televisão. Quando a mesma era a tecnologia de ponta, a ansiedade por entretenimento e informação levava-nos a mudar constantemente de canal, ou seja, de ambiente. Desta forma, fomos acostumados para um próximo ambiente que era o da interatividade, seja nos jogos eletrônicos dos anos 80, ou mesmo, na linguagem video-clípica dos anos 90 e a inserção massiva da internet no fim do último século. Assim, as tecnologias começam a desempenhar o papel da arte, mostrando-nos e tornando-nos conscientes das conseqüências psíquicas e sociais da tecnologia. A arte como um anti-ambiente, se torna um meio de treinar a percepção e o julgamento. Com a

contribuição da arte na educação e, sucessivamente, na comunicação entre o homem e o mundo, a nova era passa a ser programada no sentido da descoberta, mas do que no sentido da instrução. Libertando-se das amarras da mecanização, a instrumentalização do conhecimento começa a ser livre. Ao invés de irmos ao ambiente escolar e de uma ou duas fontes receber ensinamentos, nesta era da simultaneidade, basta acessarmos a grande rede e buscar esse conhecimento. Assim como, poderemos lançar, na mesma rede, o nosso conhecimento e opinião sobre qualquer assunto. Basta, que para isso, conheçamos o caminho.

2.3.2 – A EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS

Devido às suas características de memorização e propagação de representações, a linguagem capacitou o homem a um tempo mais rápido e mais violento que o das plantas e dos animais. Além disso, a humanidade cristalizou informações nos materiais fornecidos pelo meio. Assim, a reprodução e a conservação dos meios materiais possibilitou ao ser humano conservar, ao mesmo tempo, os agenciamentos sociais e as representações ligadas às suas formas e seus usos. “A partir do momento em que uma relação é inscrita na matéria resistente de uma ferramenta, de uma arma, de um edifício ou de uma estrada, torna-se permanente. Linguagem e técnica contribuem para produzir e modular o tempo”. (Lévy, 1993: 76)

As inscrições de todos os tipos, em primeiro lugar a escrita, obrigam o tempo a passar em apenas um sentido. Criam várias histórias com variados ritmos. As sociedades são um entrelaçar de histórias.

As culturas são caracterizadas em algumas categorias pelo fato da presença ou da ausência de certas técnicas fundamentais de comunicação. A classificação auxilia a se enxergar os pólos, afinal, cada grupo social se encontra em situação singular e transitória diante às tecnologias intelectuais.

O mundo da oralidade primária é aquele que existe antes de qualquer tipo de distinção entre falado e escrito. Nestas culturas, a sua construção está fundada sobre as lembranças dos indivíduos. A memória auditiva é considerada a própria inteligência nestas

sociedades. O saber transmitido oralmente foi desvalorizado pelos milênios de domínio da escrita.

A passagem das descrições históricas e antropológicas para uma tentativa de explicação necessita de uma análise das técnicas de armazenamento e comunicação e as várias articulações cognitivas do ser humano. As sociedades sem escrita se baseiam na memória humana articulada com o manejo da linguagem.

Compreendendo a memória, compreende-se os processos comunicacionais das sociedades privadas de meios de armazenamento como a escrita, o cinema e a fita magnética. Nestas sociedades, as representações que têm maiores chances de sobrevivência são aquelas ricamente interconectadas entre si. São representações que possuem conexões envolvendo relações de causa e efeito. As proposições serão a respeito de domínios do conhecimento concreto e familiar, de forma que os membros de tal cultura possam ligá-los a esquemas pré-existentes. Por fim, as representações devem ser carregadas de emoção e ter laços estreitos com os *problemas da vida*. Estas são características que atendem aos chamados *mitos*. Sob forma de narrativa, o mito codifica as representações essenciais aos membros de uma sociedade.

Não há como contrapor um ‘pensamento mágico’ ou ‘selvagem’ a um ‘pensamento objetivo’ ou ‘racional’. Afinal, as culturas orais são uma classe particular de ecologias cognitivas que não possuem os numerosos meios de inscrição externa. Possuem apenas o recurso da memória de longo prazo para reter e transmitir as informações dignas de perdurar. Por isso, exploram a dramatização, a personalização e os artifícios narrativos.

As representações que têm mais chance de sobreviverem em um ambiente composto quase que unicamente por memórias são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva e acompanhadas de músicas e rituais diversos. (Lévy, 1993: 83)

A sociedade sem escrita não é *irracional*. A memorização do mito é a melhor estratégia de codificação que está à sua disposição. Quando se reduz acontecimentos a esquemas estereotipados, tem-se a sensação de um *eterno retorno* nestas sociedades. Os tipos heróicos e míticos tradicionais se fundem com a personalidade e os atos dos ancestrais. O específico e o singular são reduzidos a cenários ou formas eternas.

Nas sociedades orais, um certo tipo de cronologia circular é secretada pelos atos comunicacionais. Qualquer informação é perdida se não for periodicamente retomada e repetida em voz alta. A passagem do tempo é um movimento incessante de recomeço. Ritos e mitos são retidos pelas gerações. Os ciclos ecoam o modo oral de comunicação social e cósmico do saber. Assim, a transmissão é sempre uma recreação. O devir da oralidade primária está na forma de conto ou de narrativa. “Os mitos são tecidos com os fatos e os gestos dos ancestrais ou dos heróis. Cada entidade é atuante ou encontra-se personalizada, capturada em uma espécie de devir imemorial, ao mesmo tempo único e repetitivo”⁵⁹.

Tudo é transmitido através da observação, da escuta, da repetição e da imitação feitas pela pessoas ou pela comunidade. A ação e a participação das pessoas onipresentes, os entes ancestrais, contribuem para estabelecer o devir, o estilo cronológico das culturas sem escrita.

A persistência moderna da oralidade se dá ela forma independente das representações orais em relação à escrita e os meios de comunicação eletrônicos. A maior parte do conhecimento do fim do século XX foram transmitidos oralmente, sob a forma de narrativa. O homem contemporâneo não estuda teorias ou princípios, mas observa, imita e faz. O conhecimento empírico passa por outros canais sem ser o impresso ou os meios audiovisuais.

A oralidade conseguiu sobreviver, mesmo sendo mídia da escrita. A transmissão de um texto necessita uma cadeia ininterrupta de relações diretas, pessoais. Alguns textos apresentam caráter de oralidade, como em Platão, em seus diálogos, e também, em São Tomás de Aquino e no próprio Livro dos Espíritos, uma das obras fundamentais do Espiritismo e basilar deste trabalho. Ambos são escritos através de perguntas e respostas.

A escrita chega para que possamos abordar a temporalidade dos nossos modos de conhecimento e de estilo. As longas perspectivas da história substituem o eterno retorno da oralidade. A teoria, a lógica e a interpretação dos textos superam as narrativas míticas no saber humano. Aperfeiçoamentos da escrita, como o alfabeto e a imprensa, desempenham papel fundamental no estabelecimento da ciência como forma de conhecimento dominante. As técnicas historicamente datadas, e portanto, transitórias, são base para as formas sociais do tempo e do saber.

⁵⁹ LÉVY, 1993 p. 84

Compreender o lugar fundamental das tecnologias da comunicação e da inteligência na história cultural nos leva a olhar de uma maneira a razão, a verdade e a história, ameaçadas de perderem sua preeminência na civilização da televisão e do computador. (Lévy: 1996)

O autor afirma que “a escrita foi inventada diversas vezes e separadamente nas civilizações agrícolas da Antigüidade. Ela reproduz a relação de tempo e espaço que a agricultura havia introduzido na ordem de subsistência alimentar”⁶⁰. Ele aponta, que se o trabalhador cava buracos nos campos, os escribas perfuram sinais na tábua de argila. A relação é tão aproximada que o significado da palavra *página*, em latim, *pagus*, significa o campo do agricultor. A agricultura determina uma organização pensada no tempo delimitado, em todo um sistema de atraso e uma especulação sobre as estações. De mesmo modo, a escrita intercala um intervalo de tempo entre a emissão e a recepção da mensagem, instaura uma comunicação com todos os riscos de mal-entendido, de perdas e erros. Assim, Lévy destaca que “a escrita aposta no tempo”.

A construção dos muros e dos edifícios eram a forma de demonstração de potência dos soberanos nos primeiros Estados. A fixação no espaço garante a durabilidade, anunciando o fim de um certo devir sem marcas. É o declínio do tempo nômade. A escrita estabelece sobre as construções as palavras dos padres e dos reis, as façanhas de seus deuses, suas leis e narra os seus grandes feitos. Lévy indica que neste período, a pedra retoma “textualmente as palavras inscritas”. Desta forma, os reis e os sacerdotes parecem na pedra como se estivessem lá em pessoa e para sempre.

Para comandar os homens e os signos, o poder estatal utiliza-se da escrita. Assim, designa seus servos, ordenando-os sobre uma superfície unificada. A escrita aparece através de anais, leis, arquivos administrativos, regulamentos e contas. Ela é usada pelo Estado para congelar, programar seu passado e seu futuro.

A escrita permite, pela primeira vez, que os discursos possam ser “separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos”. Ela elimina a mediação humana, pois adapta ou traduz as mensagens vindas de um outro tempo ou lugar. A mensagem escrita é fiel e rígida, por isso, corre o risco de não ser entendida pelo destinatário. Diferentemente, do tempo da oralidade, em que o mensageiro transmitia a mensagem ao remetente conforme o humor e a disposição do mesmo.

⁶⁰ LÉVY, Pierre, *As tecnologias da inteligência*, p. 87

Segundo Lévy, apenas as profecias e a interpretação de oráculos nas sociedades orais primárias, seriam equivalentes a leitura de um texto. O leitor, como o crente, encontram-se frente a assuntos cuja a intenção ficará sempre incerta, sem que ninguém estivesse presente às circunstância de emissão e de recepção em uma conexão viva entre os atores da comunicação.

“O mundo se oferece como um grande meio a ser decifrado”⁶¹. A circulação de mensagens ambíguas ou fora de contexto, faz com que a atribuição do sentido passe a ocupar um lugar destacado no processo de comunicação. A interpretação é tão importante quanto mais a escrita for difícil de decifrar. A cada geração, a distância entre o mundo do autor e do leitor não pára de crescer. Por isso, segundo Lévy, é necessário se diminuir as distâncias e a tensão semântica através de um trabalho de interpretação sem interrupção. Criando novas interpretações aos textos, a escrita apenas embola uma massa de escritos cada vez mais sem sentido real de utilização.

A leitura leva a conflitos, funda escolas rivais, fornece sua autoridade a pretensos retornos à origem, como tantas vezes aconteceu na Europa depois do triunfo da impressão. Apesar de visar diminuir a distância entre o momento da redação e o da leitura, a interpretação produz estas diferenças, este tempo, esta história que ela desejava anular. (Lévy: 1996)

A escrita levou ao aparecimento da teoria, que são saberes, pretendidos por seus autores, como independentes das situações em que sejam elaborados e utilizados. A escrita tem como um dos seus principais obstáculos a separação do emissor com o receptor, impossibilitando a interação e a construção de um hipertexto comum à ambos. A teoria é a construção de textos que bastam em si mesmos, assim eles se encontram isolados das condições particulares de sua criação e de sua recepção. A escrita, ao separar as mensagens dos locais onde são utilizados e produzidos os discursos, leva a uma ambição teórica e tende à universalização.

Contrariamente ao sinal mnésico, o vestígio escrito é literal. Não sofre as deformações provocadas pelas elaborações. Não há risco que os esquemas da grande rede semântica da memória de longo prazo venham a dissolver suas singularidades. Por suas características, a escrita e o armazenamento em geral se aproximam bastante da memória de curto prazo. É um pouco como se a tabuinha de argila, o papiro, o pergaminho ou a fita magnética repetissem incansavelmente, mecanicamente, aquilo que confiamos a eles; sem tentar compreendê-lo, sem conectá-lo a outros elementos de informação, sem interpretá-lo. (Lévy : 1996)

⁶¹ Ibidem

Na escrita, as representações permanecem em outros formatos que não o canto ou a narrativa. Elas passam a durar de forma autônoma, pois não estão intimamente conectadas entre si. Assim, os números e as palavras podem ser dispostos em listas e tabelas.

As tecnologias intelectuais de fundamento escriturário permitem circulação de micro-representações “livres“, não envoltas em uma narrativa. A informática aumenta a quantidade social de informações modulares e fora de contexto, por conta de seus bancos de dados armazenados em memória ótica ou magnética.

Quando a memória passa a não só ser referida pelos órgãos humanos, os longos encadeamentos de causas e efeitos na mente humana, perdem um pedaço de seus privilégios de conectar representações entre si. As disposições *sistemáticas* avançam e as *dramáticas* acabam por recuar. Os mecanismos sistemáticos são aqueles em que listas de regras saturam as possibilidades de resultado⁶². Outras formas sistemáticas conhecidas são a forma hipotético-dedutiva e as cadeias de inferências que encontram todas as conseqüências de um pequeno número de princípios. A teoria não pode ser chamada de gênero de conhecimento se ela não estiver socialmente estabelecida pela escrita. A escrita ajuda a transmitir os assuntos que estão longe dos problemas humanos e não perturbam as emoções.

Os indivíduos de culturas orais pensam por situações e aqueles que são alfabetizados, raciocinam por categorias. Uma educação pautada pela experiência, pela memória, pela poesia e pela recitação dos mitos foi substituída pelo treinamento para o exame dialético das palavras. Lévy, aponta que Platão substituí o saber poético pelo ensino próprio e em prosa. Apesar deste saber perdurar nas instituições de ensino até os dias atuais, quando um indivíduo é levado à testes de raciocínio e não encontra recursos tecnológicos intelectuais ao seu dispor, assim como é isolado da presença de seus semelhantes, ele acaba por recorrer a um pensamento do tipo oral, centrado em situações e modelos concretos.

À medida em que passamos da ideografia ao alfabeto e da caligrafia à impressão, o tempo torna-se cada vez mais linear, histórico. A ordem seqüencial dos signos aparece sobre a página ou monumento. A acumulação, o aumento potencialmente infinito do corpus transmissível distendem o círculo da oralidade até quebrá-lo. Calendários, anais, arquivos, ao instalarem referências fixas, permitem o nascimento da *história* se não como disciplina, ao menos como gênero literário. (Lévy : 1996)

⁶² Lévy: 1996, p. 92

Com a escrita, a forma narrativa acaba perdendo sua utilidade. As personagens são traduzidas como idéias e princípios abstratos e imutáveis. A nova problemática do ser é a sua progressão ou o seu declínio. Isto é, o devir passar a ser uma linha aberta. A memória passa a ser separada da comunidade e do indivíduo. O saber é como um objeto, um alimento. Ele passa a “estar”. É estocável, comparável e consultável. A objetivação transforma a memória em fóssil, morta e impessoal. Assim, fornece uma preocupação com a verdade, porém em um estado seco, sem se importar com os sujeitos que atuam sobre a verdade.

A objetivação da memória separa o conhecimento da identidade pessoal ou coletiva. O saber deixa de ser apenas aquilo que é útil no dia-a-dia, o que me nutre e me constitui enquanto ser humano membro desta comunidade. Torna-se objeto suscetível de análise e exame. A exigência da verdade, no sentido moderno e crítico da palavra, seria um efeito da necrose parcial da memória social quando ela se vê capturada pela rede de signos tecida pela escrita. (Lévy : 1996)

Apesar de ser uma condição necessária para um projeto racionalista, a escrita não se torna uma condição suficiente para a racionalidade. Ela é apenas mais uma tecnologia intelectual usada por várias culturas e de diferentes formas. Por isso, a prosa escrita não é apenas um modo de expressão da filosofia, das ciências, da história ou do direito. Ela preexiste a estes dois tipos de conhecimento.

As formas de representação trazidas pela informática destronam a prosa e, por isso, ela pode adquirir, em breve, um tom arcaico e de inutilidade. Da mesma forma que ela fez com a poesia. Este declínio da prosa anunciaria a decadência da relação com o saber que ela condiciona. Assim, o conhecimento racional estaria fadado a uma figura antropológica ainda desconhecida.

A invenção do computador doméstico foi feita independentemente dos grandes fabricantes e até, de forma a ser considerada por Lévy⁶³, como sendo uma invenção que confronta os próprios fabricantes. Foi uma novidade, antes imprevisível, que transformou a informática em m meio de massa para a comunicação, a simulação e a criação.

A informática ficou conhecida como ma linguagem binária, na qual tudo poderia ser reduzido ao “zero” ou ao “um”. Na verdade , um jogo de presença e ausência. Entretanto, este é apenas um de seus níveis de funcionamento. Há tempos que aqueles que usam a

⁶³ LÉVY, 1996, p. 101

informática não são especialistas na linguagem código, mas sim, usuários de programa e utilitários que funcionam além da dicotomia zero/um.

A atividade de programação não é invariante melhor que a pretensa binariedade. Claro, quando se compravam Altairs ou Apples 1 no meio dos anos setenta, só podia ser pelo prazer de programar. Mas, em 1990, a maioria dos usuários de computadores pessoais nunca escreveu uma linha de código. (Lévy: 1996)

Na informática, a identidade é instável. Afinal os computadores são redes de interface abertos para novas conexões. Além disso, são aberturas imprevisíveis e, portanto, podem a cada evolução, mudar completamente a maneira de serem utilizadas. Lévy analisa a informática a partir de suas possibilidades em rede e sua evolução. Não há um interesse, por parte do autor, em defini-la.

A digitalização na informática atinge todas as técnicas de processamento de informações e de comunicação. Ela agrega, junta em um mesmo *tecido eletrônico*, o cinema, o rádio e a televisão, o jornalismo, a edição, a música, as telecomunicações e a informática. Lévy afirma que a codificação eletrônica leva para um segundo lugar o tema do material. A composição, a organização, a apresentação e os dispositivos de acesso tendem a libertar-se de seus antigos suportes materiais. Por isso, a interface está no domínio da comunicação e deve ser vista em toda a sua generalidade.

A codificação digital já é um princípio de interface. Compomos com bits as imagens, textos, sons, agenciamentos nos quais imbricamos nosso pensamento ou nossos sentidos. O suporte da informação torna-se infinitamente leve, móvel, maleável, inquebrável. O digital é uma matéria, se quisermos, mas uma matéria pronta para suportar todas as metamorfoses, todos os revestimentos, todas as deformações. É como se o fluido numérico fosse composto por uma infinidade de membranas vibrantes, cada bit sendo uma interface, capaz de mudar o estado de um circuito, de passar do sim ao não de acordo com as circunstâncias. (Lévy: 1996)

A imagem e o som tornam-se apoio para novas tecnologias. É possível trabalhá-los sem a necessidade de um aprendizado complexo. A imagem quando digitalizada pode ser decomposta, recomposta, indexada, ordenada, comentada, associada no interior de *hiperdokumentos* multimídias. O mundo pode ser explorado empiricamente através de programas disponibilizados na interface da rede ou em meios externos, como por exemplo os discos de leitura ótica (CD). O uso do banco de dados passa a ser indefinido, abrindo possibilidades de utilizações heterodoxas ou sistemáticas inimagináveis. Lévy garante que

em breve, o audiovisual atingirá um grau de plasticidade igual ao que fez da escrita a principal tecnologia intelectual⁶⁴.

Os microcomputadores são capazes de produzir ou compor dados, seleciona-los, recebe-los, trata-los. Além de transmiti-los e armazena-los. A formação da rede digital passa os antigos meios, tais como a imprensa, a televisão, o rádio e o telefone, todos juntos, para apenas um suporte material. Desta forma, modifica a noção de meio específico, transformando a utilização de canais como meios multifuncionais e simultâneos.

⁶⁴ LÉVY, 1996, p. 103

3. O ESPIRITISMO E A COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

O início da investigação sobre a existência de uma inteligência invisível passou a ser mais intensificada no meio do século XIX. Esta época também marcou o surgimento de novas Doutrinas para o Ocidente. O empirismo deu lugar ao cientificismo. Assim, acontece a datação sistemática dos estudos comportamentais de todos os tipos, seja na psicologia, na sociologia ou na biologia passaram a ser a obsessão da intelectualidade terrena.

Os primeiros sinais massivos da presença de outros seres foram dados nos Estados Unidos e na França. Na América do Norte, alguns acontecimentos estranhos despertaram a curiosidade do mundo em 1848. Kate e Margaret Fox eram irmãs com 11 e 14 anos de idade, respectivamente, e moravam em Hydesville, Estado de Nova Iorque. Tudo indicava que as duas eram o centro de um fenômeno paranormal. Na casa onde residiam, aconteciam ruídos estranhos que pareciam ter uma inteligência atuante. As duas irmãs ordenavam a execução de tais estalos e esta força invisível, os executava imediatamente. Muitos curiosos iam à casa das duas adolescentes para vê-las ordenando uma suposta inteligência invisível que fizesse barulhos. Com a insistência das pancadas na parede, foi convencionado um código pelo qual, as meninas se comunicavam com a inteligência invisível. Uma pancada significava sim, duas significavam não. No decorrer dos fenômenos, números e letras eram simbolizados por outros sinais auditivos. Quem produzia as comunicações revelou-se como a alma de alguém que já vivera na Terra em outros tempos. As garotas chamaram o manifestante de “Sr. Pernetá”. A história contada através do código formulado informou que o comunicante era um homem que havia sido morto a facadas e enterrado no porão da casa da família Fox há cinco anos. O Espírito informou o local em que se encontravam seus restos mortais: três metros abaixo do solo, na adega da casa. Algumas pessoas que participavam das experiências escavaram e encontraram restos de cabelos e ossos humanos no local indicado pelo Espírito.

Dois anos mais tarde, em 1850, Paris vivia uma febre. Os salões festivos da capital francesa eram tomados por uma brincadeira apelidada de “mesas girantes”. Era uma mesinha redonda, de três pés, em torno da qual pessoas se amontoavam para provocarem manifestações paranormais. Com suas mãos colocadas sobre a mesa, os presentes testemunhavam a mesa girando e dando pancadas sobre seus pés. Um código semelhante ao

usado em Hydesville foi empregado no esforço de se comunicar com as forças invisíveis que movimentavam a mesinha. No início, as perguntas eram frívolas e com um conteúdo de amenidades. As comunicações passaram a ser experimentadas a partir do uso de instrumentos materiais mais sofisticados. A uma mesa foi acoplado um ponteiro metálico que girava e selecionava as letras do alfabeto para que o invisível pudesse enviar mensagens mais completas. Estes fenômenos foram denominados de Tiptologia.

Nascido em Lion na França, em 1804, Allan Kardec tinha como nome verdadeiro Hippolyte Leon Denizard Rivail. Pertencia a uma família de magistrados e professores. Em sua cidade natal fez seus primeiros estudos, seguindo depois para a Suíça, a fim de estudar no célebre instituto do professor Pestalozzi. Este instituto era respeitado em toda a Europa como escola modelo. Tornou-se mestre em Pedagogia e Ciências pelo Instituto Pestalozzi e passou a divulgar o método estudado naquele lugar.

No primeiro período de sua vida, como pedagogo, publicou vários livros didáticos e apresenta planos e métodos referentes à reforma do ensino francês. Destaque para as obras Curso Teórico e Prático de Aritmética, Gramática Francesa Clássica, Catecismo Gramatical da Língua Francesa, além de programas para cursos de Física, Química, Astronomia e Fisiologia. Portanto, por sua biografia entende-se que Hipollyte seria um homem contemporâneo com o século XIX e bastante curioso.

Quando teve os seus primeiros contatos com as mesas girantes, Hipollyte firmou-se como cético em relação aos fenômenos. Exigindo-se provas, prostrou-se em observação aos mais diversos fatos publicados a respeito pela imprensa francesa. Assistindo aos fenômenos em casas diversas e através de várias pessoas, concluiu que eram manifestações inteligentes produzidas pelos Espíritos dos homens que deixaram a Terra.

O desenvolvimento da Codificação começou na casa de uma família de sobrenome Baudin. Isto foi em 1855 e sobre o auxílio de duas garotas, Julie e Caroline Baudin, de 14 e 16 anos de idade, respectivamente. Através de um aparelho que se denominava cesta-pião, Kardec fez perguntas aos Espíritos, que respondiam através dos médiuns e por meio da escrita. Por ser bastante metódico, o trabalho foi revisado várias vezes, assim como as questões mais importantes em relação à Revelação, Kardec contava com o apoio de pelo menos dez médiuns espalhados por toda a Europa e pelo mundo.

No primeiro momento, como dito, a comunicação era feita através de uma cestinha. Com o passar do tempo, a cesta foi substituída pela própria mão do médium, dando origem à Psicografia⁶⁵.

A ciência espírita há progredido como todas as outras e mais rapidamente do que estas. Alguns anos apenas nos separam da época em que se empregavam esses meios primitivos e incompletos, a que trivialmente se dava o nome de "mesas falantes", e já nos achamos em condições de comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente, como o fazem os homens entre si e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita, sobretudo, tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com a nossa correspondência. O primeiro meio de que se usou foi o das pranchas e cestas munidas de lápis, com a disposição que passamos a descrever. (Kardec: 1861)

Depois de dois anos em consulta aos Espíritos, Kardec formula “O Livro dos Espíritos”, lançado em 1857, no dia 18 de abril. Além disto, Kardec percorreu quase 700 léguas divulgando e participando de reuniões doutrinárias em cerca de vinte cidades europeias. Em meio a esses compromissos, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 1º de abril de 1858. Entidade destinada a estudar, entender e explicar a fenomenologia espírita. No mesmo ano, inaugurou a Revista Espírita, um mensário objetivando a informação e o debate de questões ligadas à Doutrina. A imprensa doutrinária tinha como função, separar o real do fantasioso e a verdade da falsidade⁶⁶.

3.1 - OS PRINCÍPIOS DO ESPIRITISMO

Os seres que se comunicam designam a si mesmos pelo nome de Espíritos ou Gênios, declarando terem sido homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como os homens constituem o mundo corporal durante a vida terrena. Segundo Kardec, o que segue são os pontos principais da doutrina que foi transmitida a ele:

Para o Espiritismo, “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais”⁶⁷. Desta forma, para o Espiritismo existe na formação do mundo, um criador. O argumento usado para tal afirmação é puramente científico: Não

⁶⁵ Livro dos Médiuns p. 176

⁶⁶ Curso Básico de Doutrina Espírita - FEAK

⁶⁷ O Livro dos Espíritos p. 18

há efeito sem causa. Tudo há de ser o reflexo de alguma ação acontecida, portanto, não existe a possibilidade do “nada”. Este termo seria a designação para as coisas às quais os homens não têm conhecimento e, por isso, determinam uma causa ignorada.

Segundo o Espiritismo, no universo existem apenas três coisas: Deus, ou seja a imaterialidade, os Espíritos, formações intelectuais desta imaterialidade e a matéria, ferramenta pela qual o Espírito se educa e entra em interação com as formas de inteligência (os próprios Espíritos).

Os seres materiais habitam o mundo corpóreo e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita. O mundo espírita seria “o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo”⁶⁸. Já o mundo corporal é secundário. Os Espíritos afirmaram que o mundo físico poderia deixar de existir, ou jamais ter existido, sem que por isso se distorcesse a essência do mundo espírita. Os Espíritos explicam que os mundos são divididos por zonas de frequências, tais como na comunicação radiofônica. A frequência do mundo corporal seria muito baixa, por isso, bastante condensada. Já a frequência do mundo espiritual seria muito alta, correspondendo a uma velocidade muito mais elevada que a do mundo material. ,

A crosta terrestre, na qual habitamos, seria um palco de experiências para estas forças imortais. Tanto estaríamos sendo utilizados para observações, como seríamos, nós mesmos, cientistas e alunos. Quando nossas provas e necessidades fossem sucumbidas, extrapolaríamos as baixas frequências e teríamos condições intelectuais e vibratórias para habitar outros lugares em nossa orbe. A vida terrestres seria um grande educandário, na qual estaríamos em contato com os níveis mais elementares do universo e, por isso, estudamos as causas primárias de nossa existência.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. Da mesma forma que os homens se vestem com roupas para proteger-se dos intempéries da natureza, o Espírito se reveste com a carne para poder interagir no mundo material. Assim, da mesma forma em que a matéria é perecível, este corpo material é finito. Entretanto, a eliminação deste suporte, não elimina a consciência, pois a mente é o princípio vital de todas as coisas, incessante e de natureza

⁶⁸ Ibidem p. 18

imaterial. A alma seria um Espírito encarnado e o corpo o seu envoltório. Por isso, há no homem três coisas⁶⁹:

1º O corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio (orgânico) vital;

2º A alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo;

3º O laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa do mundo dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos.

O laço ou perispírito, que prende ao corpo, o Espírito, é uma espécie de envoltório semi-material. “A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo”⁷⁰. Este segundo corpo é invisível para a maioria dos homens no estado normal, porém pode tornar-se visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições. O Espírito não é um ser abstrato, vago, só possível de revelar-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, existente e participante da natureza. Em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato.

Os Espíritos ocupam diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, saber e nem em moralidade. Eles vivem em um mundo que elimina as formas, por isso, a sua classificação é bastante abstrata. Os Espíritos metaforizam, comparando as distinções de hierarquia da mesma forma que muda-se a cor de vermelho para laranja no arco-íris⁷¹. Mesmo assim, para que fosse feito um melhor entendimento sobre as qualidades e potencialidades dos Espíritos, e mesmo, para que houvesse uma maneira de singularizá-los, os instrutores espirituais resolveram dividi-los em três grandes grupos. Os do primeiro grupo são os Espíritos superiores, que se diferenciam dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade com o entendimento da criação. Seus sentimentos são puros e possuem um amor pelo bem: são denominados anjos ou puros. Os que vêm em seguida, são os Espíritos inclinados para a realização da tarefa no bem, entretanto, ainda não atingiram o desprendimento total da matéria e nem o conhecimento suficiente para o entendimento do universo e de si mesmo.

⁶⁹ Ibidem p. 19

⁷⁰ Ibidem p. 19

⁷¹ Ibidem p 71

A medida em que descemos na classificação, os Espíritos das outras classes se acham cada vez mais distanciados desta perfeição. O declínio é mostrado na inclinação de suas mentes às paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Realizam-se no mal. Há entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, são mais perturbadores do que perversos. A malícia e as inconseqüências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos.

Os Espíritos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. É da Lei do Progresso⁷², a evolução constante do ser. A melhora se realiza por meio da encarnação, ou seja, da vivência condicionada a prisão carnal, limitada pelos sentidos do corpo animal. Esta condição educadora é direcionada a uns como expiação (reparação da desarmonia provocada pelos atos pregressos) e a outros como missão (ensinamento aos homens de novos conhecimentos materiais, mentais e espirituais). A vida material é uma espécie de exame ou prova que cumpre o Espírito sofrer repetidamente (reencarnação), afim de se depurar e adquirir conhecimento para que efetue a sua própria obra com responsabilidade e perfeita consciência de atuação.

Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante⁷³.

Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos os homens têm tido muitas existências e que terão ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos. As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas. Todavia a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição. As qualidades da alma são as qualidades morais do Espírito que está encarnado. Assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, o homem perverso a de um Espírito impuro. A alma possuía sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se haver separado do corpo. Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontra ela todos aqueles que conhecera na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenham na memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez⁷⁴.

⁷² Ibidem p. 268

⁷³ Espírito errante: que este na erraticidade, período entre uma encarnação e outra.

⁷⁴ Ibidem p. 20

Para o Espiritismo, a consciência que sobrevive ao corpo físico, apesar de possuir uma capacidade maior de interação e sapiência, decorrentes das aptidões do corpo espiritual, não muda seus desejos ou aspirações apenas por ter passado da vida material para a vida espiritual. As vontades são da mente e, como esta se conserva, mesmo após o desenlace físico, a vontade e o desejo, as lembranças e os pensamentos da vida corpórea ainda habitam a mente do ser. É, justamente, neste ponto em que toca a sobrevivência da alma, que o Espiritismo se faz presente como educandário para o homem. Como há um desconhecimento científico da vida após a morte, o Espírito desencarnado, muitas vezes, depara-se em situações inimagináveis para si e, por isso, acaba por se perturbar e influenciar de forma negativa as pessoas com as quais teve contato na vida terrestre.

Segundo os mensageiros, o Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria. O homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós. Desta forma, os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos inexplicados ou mal explicados e que, segundo Kardec, não encontram explicação racional senão no Espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos e assemelhar-nos a eles. As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre o homem. Cabe ao juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos. A manifestação é dada espontaneamente ou

mediante evocação. Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido. Os de parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a respeito do homem, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer.

Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior. Para Kardec, os Espíritos Superiores possuem a mais pura sabedoria nos conselhos, que objetivam sempre o melhoramento e o bem da Humanidade. A sapiência dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, amiúde trivial e até grosseira. Em suas pesquisas, Kardec observou que, por vezes, até dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falsas esperanças.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.

Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria. Mostram que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o

próximo, se avizinha da natureza espiritual. Por isso, dizem os Espíritos que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo.

Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas. Por fim, ensinam não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. A forma que o homem encontra para o sua depuração é nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.

3.2 - A MEDIUNIDADE E O MÉDIUM

Para o Espiritismo, existem três coisas quem compõem, fundamentalmente, o ser: o corpo, o perispírito e o Espírito. Os Espíritos, ora estão encarnados no corpo físico, ora estão na erradicidade, período que compreende uma encarnação e outra. Quando estão neste período “entre vidas”, o veículo que se utilizam é o corpo espiritual, ou seja, o perispírito.

O Espírito, propriamente dito, é algo sem forma, é como se fosse uma chama ou uma luz irradiada. O perispírito, então, seria o meio pelo qual haveria a manifestação desta luz. Portanto, o perispírito dá forma ao Espírito. Os Espíritos encarnados possuem um corpo carnal, material e um corpo espiritual, semi-material. O Espírito livre do corpo físico, portanto, um “desencarnado”, por consequência, possui apenas o corpo espiritual.

O processo mediúnico se dá quando um Espírito desencarnado⁷⁵ utiliza-se do veículo carnal de um outro Espírito (encarnado – homem)⁷⁶ e, por ele, se comunica, seja através de pancadas, movimentos inesperados, seja através da linguagem racional, utilizando-se dos sentidos do corpo humano para comunicar-se. Este processo pode ser por intuição, ou seja, sem a consciência do médium de que uma outra mente está em contato com ele; ou ostensivo, quando há uma preparação por parte do médium e das outras pessoas que o assistem na tarefa de transmitir informações do mundo sensível para o mundo material.

⁷⁵ Espírito desencarnado: aquele que está sem um corpo físico.
Espírito encarnado: o homem limitado pelos sentidos do corpo físico.

⁷⁶ Para o Espiritismo, todos os homens são Espíritos, porém uns encarnados e outros desencarnados

Apesar de estar tendo um contato direto com um corpo material, o Espírito comunicante não exerce controle total sobre o corpo pertencente ao médium. O ser que intermédia os dois mundos, apesar de não estar em contato extremo com o seu veículo de comunicação terrestre, possui o controle sobre as ações e sobre as mensagens vinculadas através de seu corpo. Este controle é determinado pelo laço fluídico do perispírito do médium com o seu corpo físico, muitas vezes denominado cordão prateado. Este laço funciona como uma ponte entre o corpo e o Espírito e se rompe no advento da morte orgânica do corpo. O médium, então, determina o como e o quanto será exigido na comunicação.

É verdade, que o desequilíbrio e a falta de informação são fatores que podem alterar estas disposições no decorrer do processo mediúnico. Isto ocorre em consequência das vontades e dos pensamentos daqueles que servem de intermediários com o mundo sutil. Um médium em desequilíbrio emocional pode estar sendo submetido a um processo conhecido no espiritismo como “obsessão mediúnica”.

3.2.1 - A MEDIUNIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS

Desde os mais remotos tempos há notícias da manifestação de seres invisíveis nos mais variados povos da Terra. São fenômenos diversos que o Espiritismo vêm indicar como notícias do intercâmbio entre “vivos” e “mortos” e ao mesmo tempo, como prova da existência de vida após a morte do corpo físico. A presença de tais inteligências são indicadas como sendo uma renovada esperança para os que temem a finitude das coisas. Os primeiros relatos de intercâmbio com os mortos estão datados há quatro mil anos. Estes fenômenos mediúnicos estariam citados no livro sagrado dos hindus, os Vedas.

A comunicação dos Espíritos com os homens aconteceu de forma diferente nos mais variados povos, com a utilização de símbolos, mistérios e cultos que envolviam médiuns de vários níveis culturais, não sendo restrito apenas aos mais ignorantes ou aos mais sábios.

Os egípcios consideravam os sacerdotes dos templos como homens sobrenaturais que possuíam poderes mediúnicos, propositalmente, misturados à truques e prestidigitações para aparentar um ar fantástico e impressionar o povo. Assim, mantinham seu status de temor e aumentavam sua influência política.

Respondendo á questão 521 de “O Livro dos Espíritos”, as entidades espirituais atestam que “os antigos fizeram destes Espíritos, divindades especiais”. Eram eles ligados por afinidade em suas tarefas, assim, as musas personificavam os “Espíritos protetores das ciências, das artes e das atividades humanas”. Da mesma forma, “os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família”. O estudo dos costumes dos povos, os hábitos, as leis, sempre apontam para o intercambio com o plano espiritual.

O profetismo em Israel, durante vinte séculos consecutivos, é um dos fenômenos transcendentais mais notáveis da História (...) Moisés é um vidente e auditivo. Ele vê Jeová, o Espírito protetor de Israel, na sarça de Herob e do Sinai. (No invisível – cap. Mediunidade gloriosa)

As escrituras sagradas, escritas por Moisés, seriam provas deste intercâmbio e não, acontecimento sobrenatural e inexplicável, muito menos privilégio de um homem ou de um povo. Na bíblia estes fenômenos são intermediados pelos os profetas. Na distante Índia, eram chamados *piris*, no Japão, *kamis* e na Pérsia *ferouers*. Entre os judeus eram conhecidos como *Elohins*, os gregos denominavam seus médiuns como *manes* e os romanos chamavam-nos de *penates*⁷⁷.

Portanto, médiuns e fenômenos de ordem mediúnica são comuns e naturais entre todos os povos da história humana. Os instrutores do Espiritismo informam que no tempo de Jesus, os fenômenos mediúnicos se transformaram em situações deverás comum. Herculano Pires enfatiza dizendo que “a mediunidade atinge culminância com Jesus, nas diversas manifestações narradas no Novo Testamento”⁷⁸. André Luiz, outro autor Espírita, explica que o fenômeno mediúnico não está presente apenas na passagem de Jesus pela Terra, mas também entre os apóstolos, aos quais se apresentou, materializado, após a sua morte, “ministrando instruções para o edifício do Evangelho Nascente”⁷⁹.

A Epístola I aos Coríntios de Paulo, segundo a Apostila do curso sobre mediunidade promovido pela Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, se refere de forma exemplar sobre a mediunidade quando cita as variedades de dons.

Há, pois, diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um em proveito comum. A um, o Espírito dá a palavra da sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro a fé (...); a outro, o dom das curas (...); a outro, a profecia (...); a outro, o

⁷⁷ FRANCO, Divaldo P. – Médiuns e mediunidade – cap. 9

⁷⁸ PIRES, Herculano – O Espírito e o tempo

⁷⁹ LUIZ, André – Mecanismos da mediunidade - cap. 26

discernimento dos espíritos; a outro, o falar diversas línguas; e a outro ainda, o interpretar essas línguas. (Paulo de Tarso – I Epístola aos Coríntios cap 12:4-10)

Apesar deste fatos históricos, os médiuns passariam a sofrer perseguições impiedosas na Idade Média. Nesta época conhecida como “Idade das Trevas”, surge em Orleans na França, uma donzela chamada Joana D’arc, que ouvindo “vozes” e determinações advindas destas, causa um movimento de libertação do povo francês. Ao admitir ouvir vozes, é acusada de bruxaria e traição, sendo assim, condenada à morte na fogueira.

Segundo o escritor britânico, Conan Arthur Doyle⁸⁰, em seu livro “A História do Espiritismo”, no século XVIII surgem os principais propagadores do Espiritismo que encontram campo para atuação, justamente, no fim da idade medieval, período este em que o homem começa a se libertar dos dogmas impostos pela Igreja e passa a aceitar novas idéias sobre o mundo. O autor ainda afirma que após a Revolução Francesa, embasada nos idéias de Liberdade, Fraternidade e Igualdade, o Espiritismo teve como se disseminar ainda mais pelo velho continente, abrindo assim, uma perspectiva maior no pensamento humano, fundamento um ensejo por uma nova ordem de coisas, idéias e realizações. Os mais conhecidos estudiosos e praticantes do Espiritismo no fim início do século XIX são o sueco Emmanuel Swendenborg, o escocês Edward Irving e o americano Andrew Jackson Davis.

A partir da segunda metade do século XIX, os fenômenos mediúnicos começam a se manifestar de forma mais clara e da mesma forma, são melhores estudados. As duas situações que tiveram maior impacto na investigação do fenômeno foram as pancadas de Hydesville, uma cidade do Estado de Nova York, nos Estados Unidos; e as “mesas girantes” que divertiam os salões parisienses, principalmente, a partir de 1848.

Na América, os fenômenos eram difundidos por duas irmãs de 11 e 14 anos que se comunicavam o Espírito de um homem que havia morrido na casa em que moravam. O Espírito se comunicava através de pancadas nas paredes e nos objetos da casa. As garotas Fox, convencionaram um código que melhor possibilitasse o entendimento do que o Espírito estava comunicando. Desta forma, as pancadas poderiam ser um “sim” se se ouvisse um barulho, um “não”, se fossem dois, os estalos.

⁸⁰ Criador do célebre detetive Sherlock Holmes

Já na Europa, as mesas girantes eram um fenômeno que a todos fascinava. Objetos sólidos, em meio à salões, rodopiavam e faziam movimentos que fugiam à ordem natural das coisas. Muitos foram aqueles que tentaram explicar a situação, mas não conseguiam entender como que formas inanimadas, ganhavam vida. Elas não se moviam apenas, mas também respondiam inteligentemente às questões formuladas e, inclusive, á algumas que eram somente pensadas.

Após recusar vários convites, o Professor Hipollyte Leon Denizard Rivail, resolve assistir ao “espetáculo” das mesas girantes. Ao observar o fenômeno concluiu que havia algo muito mais sério do que as frivolidades aparentes. Como as mesas “respondiam” às perguntas, o professor chegou á conclusão que existia, ali, uma inteligência invisível que se manifestava. O professor então anotou em seus diários, no ano de 1854⁸¹:

Achava-me diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário ás leis da natureza, e que a minha razão repelia. ainda nada vira, nem observara. As experiências realizadas na presença de pessoas honradas, dignas de fê, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade de um efeito puramente material. A idéia, porém, de uma mesa falante não me entrara na mente.

No ano seguinte, em companhia de uma magnetizador conhecido como Fortier, o professor Rivail passou a freqüentar a casa de uma senhora chamada Roger. Segundo o professor, o que se assistiu foi “a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta”. O referido mecanismo era um método em que se colocava um lápis amarrado ao lado de uma cesta e os médiuns pousavam suas mãos sobre a cesta e esta, fazendo movimentos sobre uma tábua ou papel, “escrevia” algumas letras.

O professor Rivail (depois, Allan Kardec), contrariando a maioria que se dirigia à essas reuniões, não tinha como objetivo a frivolidade e a curiosidade. Queria sim, pesquisar o fenômeno para que pudesse descreve-lo e, assim, entender seus mecanismos. Assim, descreve em nota as suas primeiras impressões para o estudo do fenômeno⁸²:

Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos por meio de revelações do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como fizera até então, o método experimental. Observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar ás causas por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre, em meus trabalho anteriores, desde a idade entre 15 e 16 anos.

⁸¹ PROGEM – AME-JF – p. 03

⁸² PROGEM – AME-JF – p. 04

Rivail, então, através de suas investigações, descobre que os processos existentes entre os mundos físicos e o mundo espiritual estão na base dos problemas enfrentados pela humanidade em seu passado e no seu futuro. Passou a ter mais atenção para as comunicações e diz-se ser antes positivista à idealista, pois acreditava que os estudos desta ordem, poderiam leva-lo a ilusões e desvia-lo de seu caminho.

Um dos primeiros resultados colhidos por Rivail foi de que os Espíritos eram almas de pessoas que haviam participado do jogo social da Terra. Por isso, não eram exímios conhecedores de ciência, filosofia e moral. Assim, desmistificou a idéia presente de que os Espíritos eram todos iguais e que eram sábios infinitamente. O saber que produziam era de acordo com o grau de adiantamento do Espírito. Suas opiniões eram como as sugestões pessoais, nada improváveis. Desta forma, Rivail formula em mais uma nota⁸³: ”Reconhecida esta verdade, desde o princípio, ela me preservou do grave escolho de acreditar na infalibilidade dos Espíritos, e me impediu ao mesmo tempo de formular teorias prematuras, com base no que fosse dito por um por alguns deles”.

Rivail em reuniões mediúnicas descobre-se sendo tutorado por um Espírito que se denomina *Verdade*. Ele não era apenas um símbolo, mas um guia espiritual de um grupo de Espíritos com elevada condição. Seriam estes, incumbidos de dar cumprimento a promessa do Cristo sobre o advento do Consolador (Evangelho de João, Cap. 14:15-26). Estes Espíritos estavam destinados em transmitir ao homem as verdades sobre o mundo físico e espiritual. Foram estes os principais personagens que responderam às perguntas formuladas por Kardec (Rivail) em O Livro dos Espíritos e nas outras obras da codificação.

Apesar de uma morte prematura aos 65 anos, a obra de Kardec sobreviveu ao tempo e hoje, só no Brasil, são mais de 8 milhões de adeptos ao Espiritismo⁸⁴. Temos como destaque a vasta literatura espírita exercida por médiuns como Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e Yvonne A. Pereira.

As leis dos fenômenos mediúnicos foram descobertas e descritas por Kardec em “O Livro dos Médiuns”. Kardec partiu do pressuposto que os fenômenos falam por si. Estas descobertas influenciaram as experiências de Metapsíquica, as investigações Parapsicológicas, além de terem sido comprovadas nos laboratórios de Física Nuclear, pela

⁸³ PROGEM – AME-JF – p. 05

⁸⁴ IBGE – www.ibge.br

Biologia e pela Astronáutica. Segundo a Apostila do programa de preparação de médiuns da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, “analisando o fenômeno mediúnicico através dos tempos, ressaltamos a programação espiritual superior, visando sempre o progresso moral e intelectual da humanidade”⁸⁵.

3.2.2- MEDIUNIDADE: CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO

A mediunidade é a faculdade que algumas pessoas possuem para se comunicarem ostensivamente com os Espíritos e transmitir suas mensagens para fora do seu próprio campo pessoal. Em todos os seres humanos há um resquício de mediunidade. Desta forma, Kardec afirma que todos somos mais ou menos médiuns. Entretanto, só são qualificados médiuns aqueles que possuem a mediunidade aflorada em demasia, com suas características bem definidas e isto se traduz por efeitos livres, com certa intensidade, o que é possível através de uma organização mais ou menos sensitiva.

Para alguns, a mediunidade se revela desde a tenra infância. Isto representa as aquisições alcançadas em outras vivências, com trabalhos efetuados na Terra e no mundo espiritual que trazem consigo ao renascer. Em outros indivíduos, ela se desenvolve pelo exercício, em labor longo e contínuo.

Antes de reencarnar, o Espírito é exposto a instrução adequada sobre a tarefa a desempenhar. O exercício de tal faculdade requer desprendimento e um sentimento social. Por isso, o médium deve compreender que ele é um instrumento para a coletividade e não para o benefício de seu ego. Pela lei divina divulgada pela doutrina Espírita, aquele que serve-se para o benefício do próximo, eleva-se perante a Criação. Sua função é esclarecer o homem e, por conseqüência, a humanidade, informando-a da existência da vida sobrevivente à morte do corpo físico. Propicia assim, uma revolução ético-comportamental relevante e demonstra a legítima crença de todas as religiões que acreditam na vida após a morte.

A mediunidade, acreditam os Espíritas, faz parte do plano divino para o desenvolvimento humano, por isso, o uso egocêntrico desta faculdade resulta em um grave atraso para a evolução coletiva dos homens.

⁸⁵ PROGEM – AME-JF – p. 06

Emmanuel, um daqueles que auxiliaram o trabalho de Chico Xavier, divulga haver uma diferença entre mediunismo e mediunidade. O primeiro termo é a faculdade não desenvolvida, bruta, em estado natural e que ainda não foi submetida à disciplina dada pelo conhecimento e prática da doutrina Espírita. A mediunidade não é um fenômeno restrito aos tempos atuais. Ela sempre fez parte de todos os séculos e povos. Desde as idades mais longínquas existiram relações entre a humanidade e o mundo dos Espíritos. O fenômeno mediúnico é o meio pelo qual o homem doente poderá curar suas dores e aflições. Ele está intrinsecamente ligado à renovação e ao progresso de cada indivíduo.

A mediunidade nunca é idêntica em dois indivíduos. Por isso, ela apresenta uma imensa variedade. O que ocorre, é que geralmente, os médiuns tem uma aptidão para esta ou daquela natureza. Segundo Kardec, a partir dos efeitos gerados pela mediunidade podemos classificá-la em dois grupos: os fenômenos de efeitos físicos (objetivos, materiais); e os fenômenos de efeitos intelectuais ou subjetivos.

Os fenômenos de efeito físicos são aqueles que afetam os nossos sentidos físicos e se apresentam de variadas formas, tais como: materialização, transfiguração, levitação, transporte, bicorporiedade, voz direta ou pneumatofonia, tiptologia e sematologia. Os estudiosos da parapsicologia, denominam estes fenômenos como sendo de *telecinese*. Entretanto, os seus estudos não levam em conta a participação de agentes invisíveis, os Espíritos.

Os fenômenos de efeitos inteligentes ou subjetivos são os que ocorrem na esfera subjetiva, não se utilizando dos cinco sentidos, senão a racionalidade e o intelecto. Esclarece Allan Kardec que “para uma manifestação ser inteligente, indispensável é que seja eloqüente, espirituosa ou sábia, basta que prove ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção, ou respondendo a um pensamento”⁸⁶. Os efeitos inteligentes são a intuição, a vidência, a audiência, o desdobramento, a psicometria, a psicografia e a psicofonia. Para os parapsicólogos, estes são fenômenos que compreendem a percepção extra-sensorial. Mais um vez, estes estudiosos não incluem a participação de Espíritos neste processo, pois estudam o caso de uma comunicação extra-sensorial entre pessoas vivas.

Para um melhor entendimento das características da faculdade mediúnica, será exposto um resumo indicativo de cada um dos seus processos:

⁸⁶ O Livro dos Médiuns – Cap. 2, item 66

Fenômenos objetivos (físicos):

Materialização: fenômeno em que ocorre a materialização ou formação de objetos, de Espíritos, utilizando-se uma energia esbranquiçada que os médiuns emitem dos orifícios do seu corpo. Esta energia é chamada de *ectoplasma* cuja denominação foi dada por Charles Richet, quando estudava este fenômeno. Este fenômeno é explicado pelo funcionamento do perispírito. O envoltório fluídico é como se fosse um esboço em que a matéria se incorpora, se condensa até chegar a formar um organismo humano.

Transfiguração: É a modificação dos traços fisionômicos do médium. O Espírito se utiliza de fluidos do mundo espiritual e os expelidos pelo próprio intermediário e os manipula envolvendo o rosto do médium em uma capa fluídica na qual molda a sua fisionomia.

Levitação: Erguimento de objetos e pessoas, contrariando a lei da gravidade. Os objetos são sustentados por colunas de fluidos condensados, erguidas para suportar o peso dos objetos e alça-los. Da mesma forma, são recursos advindos do médium em comunhão com os de algum Espírito.

Transporte: Entrada e saída de objetos de ambientes fechados.

Bicorporiedade: Aparecimento do Espírito do médium em outro local de forma materializada.

Voz direta: Vozes de Espíritos que soam no ambiente, independentemente do médium, através de uma garganta ectoplasmática.

Tiptologia: Sinais ou palavras formando palavras e frases inteligentes.

Sematologia: Movimento de objetos sem um contato físico, traduzindo um desejo, um sentimento.

Fenômenos subjetivos (Intelectuais):

Intuição: É o mecanismo mediúnico mais evoluído da espécie humana. O médium consegue captar conteúdos mentais da dimensão espiritual e de lá retira imagens, idéias ou grupos de pensamentos.

Vidência: É a percepção dos médiuns sobre o que se passa na dimensão espiritual.

Audiência: Pode-se ouvir através dos órgãos auditivos do corpo físico, vozes, mensagens, bem caracterizadas ou dentro do cérebro onde as vibrações atingem os centros nervosos.

Desdobramento: O Espírito do médium desloca-se em desdobramento perispiritual às regiões espirituais ou aqui mesmo na Terra, mas sem se materializar.

Psicometria: É a faculdade que permite ao médium ter acesso ao registro e a identificação de fluidos dos objetos e de determinados locais, com descrição de fatos e de pessoas relacionadas com os mesmos.

Psicofonia: É a manifestação mediúnica através da fala.

3.2.3 - O CONCEITO E A CLASSIFICAÇÃO DOS MÉDIUNS

O médium é um intermediário, é um agente imprescindível cujo auxílio se realizam as manifestações do mundo invisível. Ele participa simultaneamente do mundo dos Espíritos pelo perispírito e do mundo físico, pelo corpo. Ele percebe, recebe e transmite aos homens, o pensamento dos Espíritos e sua influência.

Da mesma forma que a mediunidade, os médiuns são classificados em duas esferas: Os médiuns de efeito físico e os médiuns de efeito intelectual. Entretanto, a variedade dos médiuns se dá pela intensidade de suas aptidões e de seus conhecimentos sobre a própria faculdade. Apesar de pode possuir muitas habilidades, haverá sempre uma que dominará as outras. Por isso, aquele que tiver em si alguma aptidão mediúnica, deve se concentrar no enriquecimento daquela em que estiver mais evoluído.

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. (Kardec – O Livro dos Médiuns – Cap. 14, item 159)

A mediunidade em si é neutra. Pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Ela é sintonia, podendo se sintonizar com os planos superiores e com os planos inferiores dependendo dos objetivos daquele que a possui. No livro “Searas dos médiuns”, um dos instrutores espirituais professa que não é a mediunidade que distingue o médium, mas o que ele faz deste atributo.

Segundo André Luiz, todos os homens são médiuns e vivem dentro do próprio campo mental, associando-se por sintonia. Se o pensamento tem um caráter elevado,

associa-se a Espíritos puros, se possui pensamentos perturbadores ou deprimentes, compartilha-os com entidades que vivem sob a custódia da dor e das aflições pequenas, animalescas. “Cada criatura, com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima, emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica”⁸⁷.

Os médiuns são classificados como sendo de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais. Entretanto, em O Livro dos Médiuns, Kardec avisa que todas as aptidões estão ligadas entre si. Inclusive, algumas participam de ambas as categorias. O codificador do Espiritismo professa que uma análise cuidadosa do fenômeno poderá indicar que, “em todos, há um efeito físico e que aos efeitos físicos se alia quase sempre um efeito inteligente. Difícil é muitas vezes determinar o limite entre os dois”⁸⁸.

Os médiuns de efeito físico são aqueles que possuem habilidade para produzir fenômenos materiais, tais como os movimentos de objetos, ruídos, etc. Eles se dividem em:

Médiuns facultativos ou voluntários: São os que têm consciência do próprio poder e que produzem os fenômenos espíritas voluntariamente.

Médiuns involuntários ou naturais: São aqueles que não percebem a influência que exercem. Pela faculdade se desenvolver espontaneamente, não fazem idéia do seu potencial.

Variedades dos médiuns de efeitos físicos⁸⁹

Médiuns tiptólogos: Com ou sem a intervenção da vontade, são médiuns que produzem ruídos, batidas ou pancadas. São bastante comuns.

Médiuns de translações e de suspensões: Produzem, sem ponto algum de apoio, a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço. Entre estes, existem aqueles que podem elevar-se a si mesmos. Mais ou menos raros conforme a amplitude dos fenômenos; muito raros, no último caso.

Médiuns de materializações (ou ectoplasmias): Produzem as materializações de Espíritos, tornando-os tangíveis e visíveis, para os que assistem á operação, através da doação de ectoplasma. Há também aqueles que formam objetos tangíveis. Muito raros.

⁸⁷ LUIZ, André – Nos domínios da mediunidade – Cap. Raios, ondas, médiuns, mentes

⁸⁸ KARDEC, Allan – O Livro dos Médiuns – Cap. 16, item 187

⁸⁹ Idem – Cap. 16, item 189

Médiuns curadores: Estes têm o poder de curar ou aliviar um doente, apenas pela imposição das mãos ou mesmo através da prece. Segundo Kardec, esta não é uma habilidade necessariamente mediúnica. São a exaltação do poder magnético e do exercício da vontade de ajudar alguém com o próprio toque.

Médiuns de Transfiguração: Médiuns aptos a promoveram a modificação de seu próprio corpo físico. Muito raros.

Os médiuns de efeitos intelectuais são pessoas dotadas de mediunidade que estão mais ou menos aptas a receber e a transmitir comunicações inteligentes. São classificados da seguinte maneira:

Médiuns audientes: São aqueles que escutam os Espíritos. Muitas das vezes é como se fosse uma voz interior na mente do sensitivo. Às vezes também ouvem vozes advindas do meio externo, com clara e distinta sonoridade, como se alguém lhe estivesse falando ao lado.

Médiuns videntes: Estes são dotados da faculdade de ver os Espíritos em seu plano espiritual. Alguns possuem esta faculdade no estado da vigília, porém outros só a possuem em estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. Quem enxerga os Espíritos são os olhos da alma, por isso, muitos desses médiuns, com os olhos abertos ou fechados acabam por ver os Espíritos da mesma forma.

Médiuns falantes ou psicofônicos: São aqueles que falam sobre influência de Espíritos. Muito comuns. Naturalmente, sobre esta espécie de médium, os Espíritos atuam através dos órgãos da palavra. Geralmente, o médium falante se exprime sem ter consciência do que diz. Muitas vezes são ditas coisas estranhas a natureza e aos conhecimentos do médium. Alguns têm a intuição do que dizem no momento em que proferem as palavras.

Médiuns escreventes ou psicógrafos: Recebem a comunicação dos Espíritos através da escrita. Este foi o processo mais utilizado por Kardec na codificação da doutrina Espírita.

Médiuns sonambúlicos: Estes agem sobre a influência de seus próprios Espíritos. Sua alma é que vê, ouve e percebe, fora dos limites impostos pelos sentidos do corpo. O sonâmbulo exprime o próprio pensamento que muitas vezes é mais claro e profundo que

quando acordado. Isto se deve a alma ser livre e ter um conhecimento mais apurado do que quando esta presa em demasia ao corpo. O médium normal, expressa as idéias de outrem.

Médiuns pintores ou desenhistas: São aqueles que pintam ou desenham sobre a influência de Espíritos.

3.2.4 – A LOCALIZAÇÃO FÍSICA DA MEDIUNIDADE

Segundo os estudos Espíritas, corroborados pelas análises da Parapsicologia e da Psico-neuro-lingüística, há no corpo humano uma glândula, quase totalmente desconhecida da ciência, na qual se localizaria a mediunidade e o próprio Espírito. Esta glândula que foi conhecida como *conarium* pelos gregos, tem a denominação de *pineal* ou *epífise* nos dias de hoje. Ela tem a forma de uma pinha e é localizada na região talâmica, à frente do cerebelo. No século XIX, cientistas relacionaram esta glândula com o terceiro olho de alguns répteis da Nova Zelândia. A ciência médica, nos dias atuais, apenas atribui a ela a função de travar a evolução dos órgãos sexuais até a puberdade .

Os autores Espíritas afirmam que a glândula pineal, no homem, responderia pelos mecanismos da meditação, da reflexão, do discernimento, do pensamento e da orientação dos fenômenos psíquicos mais complexos. Ela é considerada pelos escritos de Chico Xavier e Divaldo Franco como a responsável pela vida psíquica e pela intermediação dos planos físico e espiritual. Seria nela, que se residiria os fenômenos emotivos. Ela ocupa posição central no cérebro e estabelece relações com todas as outras glândulas do corpo. As glândulas são os elementos que produzem os hormônios que por consequência, organizam o sistema físico. Assim, as descobertas em torno de tão misteriosa glândula, poderia ajudar a ciência oficial desvendar os mistérios envolvendo os fenômenos psíquicos.

4- O ESPIRITISMO E O PENSAMENTO HUMANO

O segundo livro escrito por Kardec foi denominado de “O Livro dos Médiuns”. Esta obra é considerada a parte científica da doutrina e seu conteúdo tenta dar conta dos processos comunicacionais estudados junto às mensagens reveladas pelos Espíritos. De certo que esta parte do trabalho terá a incumbência de descrever linearmente as premissas expostas por Kardec nesta obra, que, segundo seu codificador, mestre em ciências, têm o caráter científico. É neste volume que Kardec demonstra as habilidades dos chamados médiuns e, também, explica as causas e os efeitos encontrados nestes fenômenos.

Para começar nossa investigação, necessitamos de apresentar a primeira pergunta formulada em “O Livro dos Médiuns”. Isto servirá de base ao estudo da comunicação Espírita e dará uma margem maior de entendimento sobre os pressupostos de Kardec. Em um sistema qualquer que sejam os valores, tem-se que admitir a investigação por envolvimento com o conteúdo. Portanto, qualquer que seja a crença religiosa ou mesmo científica, partiremos para uma análise do discurso Espírita sobre a comunicação entre dois mundos distintos, porém influentes um sobre o outro. Não há o objetivo de prová-la como certeza ou mesmo de negá-la.

O Livro dos Médiuns – 1861 – Allan Kardec

“HÁ ESPÍRITOS?”

“A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade.

Muitas pessoas (...) apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança. Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo...

Seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no *Espiritualismo* a sua demonstração teórica e dogmática e, no *Espiritismo*, a demonstração positiva. Abstraiamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos.

Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita:

1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, vai para o céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra, o movimento dos astros, movimento que faz com que o que em dado instante está no alto esteja, doze horas depois, embaixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? (...) A que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidade? Por que injustificável privilégio este quase imperceptível grão de areia, que não avulta pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir semelhante nulidade do infinito e tudo nos diz que os diferentes mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem seus contingentes para o mundo das almas.

(...)uma doutrina mais lógica lhes assina por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: formam elas um mundo invisível, em o qual vivemos imersos, que nos cerca e acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, ao contrário, nos afirma que não pode ser de outra maneira.

(...)Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chama *Espíritos*. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Mais hipotética lhes seria a existência, se fossem seres à parte. Se, porém, se admitir que há almas, necessário também será se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte. Possível, portanto, não fora negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas.

(...)Muitas pessoas há, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria.

Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem idéia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real.

Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o *ser que pensa e sobrevive*. O corpo não passa de um *acessório* seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de *perispírito*.

Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

(...)em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma.

(...)Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar idéias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje

comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos?

Abstraiamos, por instante, dos fatos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação; admitamo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões peremptórias, que tal coisa não pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por *a* mais *b*, partindo sempre do principio da existência e da sobrevivência da alma:

1º que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2º que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3º que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4º que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7º que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8º que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas palavras: *Não creio, logo isto é impossível*. Dir-nos-ão, com certeza, que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos, pelos fatos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Mas, se não admitem nem uma, nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que vêm, toca-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis”.

No presente capítulo estaremos estabelecendo as relações existentes entre o conceito de comunicação nas mais variadas áreas do saber humano, suas teorias propostas e as formas pelas quais o saber espírita foi inserido. A utilização das teorias proposta no primeiro capítulo e as instruções sobre o Espiritismo, a mediunidade e o médium, transcendem uma explicação puramente técnica sobre este tipo de comunicação, pois o Espiritismo se utiliza do biológico, do sociológico e do filosófico para tentar se fazer entendido. Se o significado do Espírito é a centelha divina, ou seja, uma porção de toda a natureza interligada por uma alta conexão mental, a sua comunicação não se basta apenas em um ou dois aspectos. Ela se faz como um todo. Entretanto, não temos a pretensão de formular qualquer tipo de teoria, mas apenas apontar e questionar as potenciais relações existentes. Para tanto, estaremos estudando o que o Espiritismo denomina Corpo fluídico, pois este seria o intermediário entre a centelha divina, nossa mente, e o aparelho físico.

Da mesma forma que é necessário o estudo dos aparelhos eletrônicos para o entendimento da comunicação de massa, para o entendimento não vulgar do Espiritismo, é

preciso que se tenha noção dos elementos que são utilizados em dada comunicação. Assim, além de tratar dos mecanismos da comunicação mediúnica, propriamente ditos, este capítulo também exporá os conceitos e as relações entre os fluidos, corpo fluídico (perispírito), pensamento e sintonia. Sem que haja uma preocupação com estes elementos, o estudo da comunicação mediúnica acabaria por cair em descrédito e pilhéria.

A Doutrina Espírita tem como objetivo estudar a comunicação entre os mundos espiritual e o corporal. Desta forma, este trabalho se torna relevante para a discussão da comunicação. Afinal de contas, temos em nosso sistema científico de estudo a prevalência da chamada Comunicação de Massa, mediada pelos meios técnicos como o rádio, a TV, os jornais impressos e a Internet. Todavia, como relata Hermínio C. Miranda, no livro “Sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos”, a comunicação entre o mundo sensível dos Espíritos e do mundo bruto dos homens encarnados, por exigir um intermediário entre “as duas faces da vida”, ficou denominada como “Comunicação Mediúnica”. A comunicação de massa e a comunicação mediúnica se distinguem por que a primeira não necessita de uma mente como intermediária para a transmissão de idéias. Caso este ocorrido nas comunicações mediúnicas que necessitam da participação de um médium. Este seria para a Doutrina Espírita, uma pessoa dotada de habilidade orgânica, ou seja, presente em seu corpo físico, responsável por traduzir, decodificar a linguagem dos Espíritos para um melhor entendimento de suas mensagens pelos homens. Por outro lado, as duas formas de comunicação se encontram na sua objetividade. Tanto uma como a outra têm como função a disseminação e a propagação de idéias. Este capítulo buscará relacionar as características presentes na comunicação mediúnica relatada tanto por Allan Kardec em “O livro dos médiuns”, como nas obras que se seguiram à codificação da Doutrina Espírita.

Em todo sistema de comunicação – mediúnica ou não – o componente inicial é a idéia, concebida na mente daquele que deseja transmiti-la a alguém. É evidente que a clareza da comunicação dependerá fortemente da maior ou menor lucidez que existir na concepção da idéia original. Se o pensamento for confuso e mal formulado, a comunicação não poderá ser bastante clara e bem ordenada. Se for de baixo teor, propagará aspectos negativos da natureza humana e acarretará danos imprevisíveis por onde passar, desde sua fonte até à sua destinação. (Hermínio C. Miranda: 1975)

A idéia é o primeiro componente da comunicação e a forma como será expresso o pensamento é o segundo componente. Quem deseja transmitir algo necessita de traduzir esta idéia de alguma forma pelo processo que tiver conhecimento e em mãos. Segundo

Miranda, não pensamos em palavras, mas sim, em imagens ou impressões desconexas que “passam pelo nosso consciente como flashes⁹⁰”. Por isso, precisamos de converter os pensamentos, idéias, sensações e impressões num sistema de sinais, códigos ou imagens sensoriais que seja do conhecimento comum de um número grande de pessoas. O pensamento expresso em palavras deve ter a língua escolhida para se comunicar. A idéia revelada em imagens deverá ter suas características sensoriais escolhidas, como a forma, a cor, o tamanho e o meio pelo qual será propagada. Se assim não fosse, cada homem viveria numa espécie de autismo e não haveria a utilização da força conjunta, muito menos seria possível a aprendizagem com os semelhantes. Cada um teria a sua própria linguagem e ninguém conseguiria se entender.

(a mensagem) passou por um processo de codificação, ao ser transformada em sinais ou símbolos de idéias que surgem no plano de nosso entendimento como representações das próprias idéias. É que na fase atual de nossa evolução espiritual ainda não podemos transmitir nosso pensamento em sua forma original, com a dispensa dos símbolos criados para comunicá-lo. Cabe assim, àquele que recebe a mensagem, decodificá-la para reconvertê-la à forma original e ser então absorvida como pensamento puro. (Miranda, 1975: p. 17)

Para compor o sistema de comunicação, temos então, o terceiro elemento, a interpretação de quem recebe a informação. Miranda evidencia que a informação não é recebida da mesma maneira como foi construída na mente do emissor, ela teve que ser convertida em alguma linguagem para torna-la comum e, assim, tornar-se comunicável.

4.1 – OS FLUIDOS E O FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL

O dicionário Aurélio define o fluido como aquilo que “corre ou se expande à maneira de um líquido ou gás”. O autor Espírita André Luiz, na obra “Evolução em dois mundos”, explicita que os fluidos são corpos “cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção ou separando-se quando entregues a si mesmas⁹¹”. Assim, fluido é toda a matéria que não for sólida. William Crookes, famoso cientista inglês, descobriu o estado radiante da matéria. Desta forma, os fluidos foram reconhecidos em seus quatro estados: pastoso, líquido, gasoso e radiante. Na temperatura ambiente são reconhecido como fluidos os elementos

⁹⁰ MIRANDA, Hermínio C. 1975: p. 16

⁹¹ LUIZ, André – Evolução em dois mundos – Cap. 13

água, álcool, gasolina, leite, oxigênio e todos os outros gases. A ciência trazida através dos Espíritos informou a existência de fluidos ignorados pelos homens. Léon Denis, filósofo francês e estudioso do Espiritismo, afirma em sua obra “No Invisível”, que os fenômenos Espíritos trouxeram à tona estados da matéria que a ciência ignorava. Da mesma forma, a matéria tornada cada vez mais rarefeita, “adquire novas propriedades e uma capacidade de irradiação sempre crescente, torna-se uma das formas de energia”⁹².

Existe no universo um fluido que é a base de toda a matéria. Este fluido é conhecido como Fluido Cósmico Universal. Ele é a matéria elementar primitiva, na qual as modificações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza⁹³. Este princípio elementar do universo assume dois estados distintos: o de eterização que possui uma natureza imponderável, ou seja, indestrutível; e o estado de materialização e, portanto, ponderável, com uma natureza finita. Estes estados dão origem a fenômenos especiais, sendo que os de natureza imponderável são os fenômenos psíquicos e espirituais; e os de materialização, logicamente, os fenômenos materiais.

Segundo André Luiz, “no fluido cósmico vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano”⁹⁴. Portanto, este fluido se insere em todo o universo e são quase infinitas as suas transformações.

A pureza absoluta é o estado primitivo do fluido cósmico universal. O ponto oposto é o que ele se transforma em matéria bruta e tangível. Entre estes dois pontos extremos existem inúmeras transformações. Os Espíritos encarnados e desencarnados necessitam dos fluidos que compõem a atmosfera terrestre. Os fluidos estão em variados graus de pureza e assim, os Espíritos haurem os elementos necessários para a sua existência.

O pensamento utiliza-se dos fluidos como veículo. Por servirem-se dos fluidos como meio de propagação, os pensamentos podem modifica-lo, impregnando-os com boas ou más qualidades. Em “A Gênese”, Kardec coloca a seguinte preposição: “Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável”. As qualidades são adquiridas no meio onde são elaboradas. Allan Kardec, classifica os fluidos em dois aspectos, o moral e o físico. Dentre os fluidos de aspecto moral, temos o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, o egoísmo, a violência, a hipocrisia, a

⁹² DENIS, Leon, *No invisível* – Cap. 15

⁹³ KARDEC, Allan, *A Gênese* – Cap. 14 item 2

⁹⁴ LUIZ, André – *Evolução em dois mundos*

benevolência, a caridade, o amor, a doçura, etc. Dentre os de ordem física, temos fluidos que podem ser excitantes, calmantes, penetrantes, adstringente, irritantes, tóxicos, dulcificantes, narcóticos, reparadores, expulsivos, etc. Portanto, os fluidos seriam, também, todas as paixões, vícios e virtudes da humanidade.

O pensamento do Espírito, seja encarnado ou desencarnado, atua sobre os fluidos espirituais e dependendo de como for seu teor irá saturar o ambiente de bons ou maus fluidos.

No livro “A Gênese”, Kardec expõe que os fluidos espirituais são manipulados pelos Espíritos através do pensamento e da vontade. São estes dois elementos que constituem para o Espírito o que são as mãos do homem na manipulação da matéria. Pelo pensamento, imprimem a direção dos fluidos, assim como, os aglomera, os combinam ou os dispersam. Desta forma, organizam os fluidos em conjuntos, apresentando uma aparência, uma forma, uma determinada coloração. Mudam-lhe as propriedades da mesma forma que um químico modifica um gás ou outro corpo.

A manipulação e a modificação, na maioria das vezes, é feita de forma consciente. Entretanto, por falta de conhecimentos, em algumas ocasiões, estas modificações são executadas inconscientemente. Às transformações fluídicas que são operadas pela mente são denominadas “ideoplastias”, ou seja, estudo da modelagem através do pensamento. André Luiz, no livro “Mecanismos da mediunidade”, no capítulo de nome “Ideoplastia”, afirma que “o pensamento pode materializar-se, criando formas que muitas vezes, se revestem de longa duração, conforme a persistência da onda em que se expressem”.

Os encarnados, segundo os escritos de Kardec em “A Gênese”, sofrem conseqüências de importância crucial e direta da manipulação dos fluidos pelos desencarnados e pelos próprios encarnados. Como são o veículo do pensamento, os fluidos são impregnados das boas e más qualidades de quem os opera. Modificam-se pela pureza ou pela impureza dos sentimentos.

4.2 – O CORPO PERISPIRITUAL OU FLUÍDICO

Para o Espiritismo, estas teorias não nasceram da mente humana, mas sim das instruções e formulações passadas pelos próprios Espíritos. Primeiro, fizeram com que os

estudioso conhecessem a sua existência após a morte do corpo físico. Em seguida, deram as informações sobre o corpo fluídico, o invólucro semi-material que serve ao Espírito de corpo espiritual e que tem propriedades que o permitem agir sobre a matéria – o perispírito.

O fenômeno físico tem sua explicação ligada a ação do perispírito ao utilizar-se de suas propriedades, agindo e manipulando os fluidos do plano espiritual e do médium, no caso, o fluido magnético animal.

O Espírito encarnado para atuar sobre a matéria necessita de combinar o seu fluido perispiritual com o fluido que escapa do médium, satura os espaços interatômicos e intermoleculares da matéria e, com a força do pensamento, age movimentando o que desejar.

Em alguns lugares, os fenômenos acontecem de forma ostensiva, com batidas ou erguimento de objetos sem que nenhuma pessoa tivesse a intenção de fazê-lo ou conseguí-lo.

Acontecem espontaneamente e dão origem a fenômenos em determinados locais denominados “casas mal-assombradas”.

Entretanto, é importante observar antes de qualquer julgamento, se estes fenômenos não são frutos da imaginação ou alucinações; de causa física conhecida; mistificações, fraudes de pessoas inescrupulosas. Se estas causas estão excluídas pode-se analisar os motivos pelos quais os fenômenos acontecem ou são provocados.

Geralmente, são casos de

perseguição de Espíritos
desencarnados sobre encarnados;
desejo de comunicar-se com a
finalidade de expor alguma
preocupação ou intenção;
brincadeiras para assustar ou
intenção de provar a sobrevivência
da alma.

Na sexta parte da introdução de “O Livro dos Espíritos”, Kardec expõe que no homem há três coisas:

- “O corpo ou ser material, análogo aos homens e animado pelo mesmo princípio vital.
- A alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo.
- O laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito”.

O perispírito ou corpo fluídico (corpo espiritual, astral, astroeidê, arqueu, sutil) dos Espíritos é uma condensação do fluido cósmico universal em torno de um foco de inteligência, que no caso, é a alma ou o Espírito. Ele é a ligação entre a matéria e o Espírito. É ele quem intermedia todas as sensações que o Espírito recebe e é por ele que o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos do corpo. É por meio do perispírito que os Espíritos atuam sobre a matéria e realizam os fenômenos mediúnicos.

O perispírito é uma substância vaporosa para os olhos do homem e que tem essa qualidade para que o Espírito possa “elevar-se na atmosfera, e transportar-se aonde queira”⁹⁵. Kardec compara o perispírito ao perisperma da semente que envolve o gérmen do fruto, da mesma forma que o perispírito serve de envoltório ao Espírito. O corpo carnal e o corpo perispiritual tem origem no mesmo elemento primitivo, porém enquanto o primeiro é destrutível, o segundo é imponderável e conserva as suas qualidades etéreas. Ambos são matéria, porém em estados diferentes.

O envoltório é formado a partir do meio em que se encontra o Espírito. Ele se forma dos fluidos do ambiente em que habita. Passando de um mundo para o outro, o Espírito muda de envoltório como mudamos de roupa. Kardec elucida esta questão em A Gênese⁹⁶:

⁹⁵ KARDEC, Allan – O Livro dos Espíritos – pergunta 93

⁹⁶ Capítulo 16, item 9

Como a natureza dos mundos varia com seu grau de evolução, será maior ou menor a materialidade dos corpos físicos de seus habitantes, e os perispíritos guardam relação, quanto á sua composição, com esse grau de materialidade.

A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito.

A elevação moral do Espírito corresponde a uma determinada densidade do perispírito. Maior elevação, menor densidade fluídica. Uma maior inferioridade, denota uma maior condensação do perispírito e assim uma densidade mais próxima da matéria bruta. Segundo o Espiritismo, os planos de atuação do Espírito são conforme a densidade destes lugares, portanto, Espíritos que possuem um perispírito pesado não conseguem se aviltar aos locais mais leves. Entretanto, aqueles que já possuem certa sublimação em seus veículos espirituais, conseguem descer aos patamares mais densos.

O envoltório perispíritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo. (Kardec – A Gênese - Cap. 14, item 10)

As funções do perispírito são realizadas a partir de suas propriedades que são qualidades especiais em relação ao corpo terreno, físico. O Espírito pode dar ao seu corpo espiritual qualquer aparência, para isso necessita de evolução intelectual para ter este conhecimento e evolução moral para ter em seu corpo fluídico as propriedades necessárias para estas modificações. Entretanto, o comando da ação é dada pela vontade. A sua diferença primordial para o corpo físico é que este é limitado pelos cinco órgãos do sentido e pelas leis da gravidade. Habitando este corpo fluídico, a capacidade de expansão da comunicação do ser se estende quilometricamente em relação ao corpo material.

Possui a qualidade de torna-se luminoso, tangível ou opaco. Para que se torne visível ao olhos carnis ou mesmo tangível ao tato, ele necessita extrair o fluido vital do organismo encarnado. A interação de seu fluido espiritual com o fluido animal “produz em seu envoltório uma alteração molecular que de translúcido o torna opaco”⁹⁷. Quanto mais adiantado for o Espírito, mais sutil será seu estado de eterização.

Hão dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. (Livro dos Médiuns - cap I, item 55)

⁹⁷ DELANNE, Gabriel– A Alma é imortal

O corpo espiritual é largamente flexível, por isso, permite a sua expansão. Ele a faz pela sua exteriorização e pela irradiação. Esta propriedade do perispírito permite que haja a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados, como na mediunidade de psicofonia (incorporação mediúnica). A exteriorização perispirítica permite ao médium gozar de maior liberdade, podendo assim, ser influenciado pelo campo vibratório de Espíritos desencarnados.

O perispírito não possui a tenacidade nem a rigidez da matéria do corpo. Como dito, é flexível e expansível, modela-se conforme as possibilidades e a vontade do Espírito. Ele se dilata ou contrai, presta-se a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que atua sobre ele.

O corpo sutil possui a configuração humana e, quando se revela, normalmente aparece sobre a forma como era visto em sua vida pregressa. Ele pode apresentar lesões, deformações ou mutações negativas como a licantropia e zoantropia, pela indução magnética de uma outra mente ou por causa de seus próprios impulsos mentais.

Diferentemente da matéria, ele não pode ser separado em partes, como se retalha um organismo animal. Ele é indivisível. Por ser semimaterial, o perispírito tem uma propriedade que lhe faculta penetrar em sólidos e, por isso, não conhece barreira materiais.

O perispírito assegura a estabilidade da vida ao conservar as formas orgânicas renovando os tecidos e mantendo a forma física, tanto interna quanto externa. Ele é o responsável pela contínua renovação celular. Tem em si o arquivamento da memória. Se o Espírito é a sede da mente, é no perispírito, que este recorre a procura de suas impressões passadas. Gabriel Delanne explica que “o perispírito é a idéia diretora, o plano imponderável da estrutura orgânica. É ele quem armazena, registra, conserva todas as percepções, todas as volições e idéias da alma”⁹⁸. O autor ainda lembra que ele é o acervo imperecível do passado. Em sua substância fixam as leis do desenvolvimento, fazendo com que ele seja o “conservador de nossa personalidade, por isso que nele reside a memória”.

É o Espírito que sente. O perispírito não tem inteligência, mas serve de veículo ao pensamento, às sensações e as percepções do Espírito. “Ele é o órgão de transmissão de todas as sensações”⁹⁹. Assim, o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o

⁹⁸ DELANNE, Gabriel – A Evolução anímica – p. 55

⁹⁹ KARDEC, Allan – Obras póstumas – Manifestações dos Espíritos, item 10

Espírito, ser sensível e inteligente, a recebe. “Quando o ato da iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa”¹⁰⁰.

O corpo astral ainda constitui o invólucro do Espírito e se desprende do corpo físico, projetando-se em duplo à distância. Esta função e qualidade, segundo o Espiritismo, se dá durante o sono do corpo físico. O Espírito se liberta das amarras físicas e o perispírito é lançado para o espaço, podendo assim, percorrer distâncias inimagináveis e reencontrar amigos e parentes, tanto desencarnados, quanto encarnados.

O perispírito irradia-se em torno do corpo físico, formando uma atmosfera fluídica denominada aura. Ele não se acha encerrado no corpo físico. É expansível e se irradia para o exterior dos limites carnis.

O corpo fluídico é o princípio de todas as manifestações mediúnicas. O seu conhecimento foi a pista que faltava para a explicação de diversos fenômenos e assim, permitiu que a ciência Espírita pudesse sair do cunho maravilhoso e torna-se, por assim dizer, científica. Segundo Kardec, o perispírito “é o agente de todos os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito”¹⁰¹.

Por fim, como sua última função, o perispírito molda o embrião, imprimindo-lhe a sua personalidade física. A medida que o gérmen se desenvolve, o laço entre o embrião e o Espírito que irá se encarnar, encurta-se. Como possui propriedades da matéria, o perispírito se une, molécula por molécula ao corpo em formação. “Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior”¹⁰².

Fazendo uma breve analogia, o corpo físico seria o que é o *hardware* em um computador, aparelho existencialmente físico. O perispírito seriam os programas (*softwares*) e suas qualidades operacionais ligadas em rede, pela internet. O primeiro, quanto mais primitivo for, limita a ação do segundo. E este, conectado em rede, acessa qualquer conteúdo, desde que designado por uma mente, ou seja, pelo Espírito.

4.3 – AFINIDADE FLUÍDICA E SINTONIA VIBRATÓRIA

¹⁰⁰ Idem

¹⁰¹ Kardec – Obras póstumas – Manifestações mediúnicas, item 34

¹⁰² A Gênese – cap. 11, item 18

O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder confabular com os Espíritos das pessoas que lhe são caras; deve, porém, moderar sua impaciência, porquanto a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. (O Livro dos Médiuns – p. 247)

A comunicação entre os dois mundos não ocorre por acaso. Para que se estabeleça a troca de informações é necessária a identificação entre comunicante e comunicador. Entre o Espírito desencarnado e o médium que o traduz ao mundo físico é preciso haver afinidade de seus fluidos. Segundo Kardec, os corpos somáticos (perispírito) de médium e Espírito se atraem ou se repelem de acordo com a simpatia energética de um para o outro. É nesse propósito a afirmação da moral no Espiritismo. A comunicação entre “vivos” e “mortos” independe da moral dos agentes. Todavia ela só acontece entre os que têm afinidade de pensamento. Por isso Kardec escreve que “os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium, exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam”¹⁰³.

O relacionamento entre as duas mentes se realiza pela *sintonia vibratória*. Ela é o nível de semelhança das vibrações dos agentes da comunicação. O Espiritismo define a sintonia vibratória como sendo uma *expressão física* da afinidade moral¹⁰⁴. No item 3.1 no qual tratamos da natureza dos fluidos, podemos verificar à luz do Espiritismo que os sentimentos e as emoções são refletidas no meio através de fluidos, mais ou menos densos. Para o Espiritismo, quanto mais altruísta for o pensamento, menos densa será a qualidade do fluido e uma maior amplitude poderá alcançar. Em compensação, pensamentos densos, revestidos de sentimentos de posse são mais pesados e se direcionam às camadas elementares da natureza mental humana. Neste quadro, os pensamentos são atraídos uns pelos outros de acordo com a afinidade presente em seu corpo fluídico.

A comunicação entre o Espírito e o médium ocorre pela sintonia entre ambos. É preciso que os dois agentes passem a emitir vibrações equivalentes fazendo que o pensamento e a vontade de ambos encontrem a mesma faixa vibratória. As relações entre os dois se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos e a sintonia ocorre de maneira mais ou menos fácil de acordo com a afinidade existente entre os fluidos emitidos por cada

¹⁰³ O Livro dos Médiuns – p. 287

¹⁰⁴ PROGEM, 1997: aula 14, p. 1

um. Quando se sintonizam, o pensamento do Espírito comunicante se exterioriza através do corpo físico do médium emitindo algum tipo de mensagem por eles.

Os estágios pelo qual os fluidos são captados pelo médium não diferem daqueles conhecidos pela Psicologia. O médium capta o estímulo, a mente registra a idéia e a sensação do Espírito. A partir daí, o médium traduz as informações em pensamentos e palavras, manifestando-as através de suas habilidades sensitivas (mediúnicas)¹⁰⁵. No livro “Mecanismos da Mediunidade”, André Luiz afirma que, geralmente, a “exteriorização fisiológica do fenômeno pertence ao médium”¹⁰⁶.

A sintonia seria a harmonia psíquica dada pela identificação das ondas mentais¹⁰⁷. A emissão destas ondas se identificam, ou seja, possuem ressonância com campos vibratórios afins. Assim, a sintonia vibratória está ligada á afinidade mental, afinal de contas, para o Espiritismo, a mente é a base de todos os fenômenos mediúnicos. Se a afinidade fluídica está ligada a constituição dos perispíritos do médium e do Espírito comunicante, a sintonia vibratória é resultante da união de ondas mentais, vibrando na mesma faixa. André Luiz expõe que “todos os seres vivos respiram na onda do psiquismo dinâmico que lhes é peculiar, dentro das dimensões que lhes são características ou na freqüência que lhes é própria”¹⁰⁸.

Portanto, a emissão de ondas equivalentes ocasiona a sintonia vibratória entre os dois agentes da comunicação espiritual. As duas mentes formam um circuito de ondas eletromagnéticas com idênticas condições vibratórias. As ondas são emitidas através do

¹⁰⁵ Estas foram apresentadas detalhadamente no capítulo 2, itens 2 e 3.

¹⁰⁶ Op. Cit. Cap. XVIII

¹⁰⁷ Idem 114

¹⁰⁸ Nos domínios da Mediunidade , cap. 1

pensamento. Ele é o meio pelo qual a mente transporta a energia que vibra. Assim, ela estabelece em torno de si o ambiente psíquico que lhe é conveniente. Não só médiuns e Espíritos comunicantes que participam dessa imensa rede de comunicações invisíveis. Todas as mentes pensam, agem e reagem umas sobre as outras estabelecendo sintonia quando há o mesmo padrão vibratório.

Dentro da natureza física, o corpo limita a mente na percepção das ondas de calor, de luminosidade, de eletricidade e sonoras advindas do meio exterior. Da mesma forma, a percepção espiritual é limitada pela capacidade vibracional de cada mente. Ou seja, a percepção extra-sensorial é restringida pelo número de vibrações mentais emitidas através do pensamento, num determinado tempo. O teor vibratório de uma mente encarnada é mais baixo que o de um Espírito desencarnado. É necessário, então, o ajuste de vibrações para que a comunicação entre os dois planos possa se estabelecer. Os Espíritos e os médiuns possuem formas de reduzir ou elevar o tom de suas vibrações. Para reduzir o seu próprio padrão vibratório, o Espírito se impregna de matéria sutil, retirada do próprio ambiente. Já o médium através do transe ou da concentração, possibilita que o Espírito encontre formas para ativar a elevação do seu tom vibratório. O que é emitido pelo cérebro humano em forma de vibração, o cérebro fluídico do Espírito incide sob a forma de ondas e radiações que vibram com mais amplitude e ritmo. Isto indica uma maior flexibilidade das moléculas do corpo fluídico do que as do corpo físico. Assim, o corpo fluídico ou perispiritual, base de ação da mente, obedece melhor à ação da vontade¹⁰⁹.

4.4 – A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DOS PENSAMENTOS

Desde os séculos XVI e XVII, filósofos e alquimistas, contribuíram para a elaboração de teorias que atribuíam ao pensamento idéias-forças, formas-pensamento, com capacidade organizadora e ideoplástica. Ao desvendar os estados desconhecidos da matéria, a

¹⁰⁹ Ibidem

ciência contribui para a descoberta da influência física dos pensamentos. O Espiritismo, então, estuda a comunicação estabelecida de Espírito para Espírito.

No livro “A Gênese”, Kardec coloca que o pensamento de um Espírito encarnado influi sobre os fluidos espirituais, da mesma forma que os pensamentos de um Espírito desencarnado. Os fluidos são o veículo de transporte dos pensamentos. O pensamento é impulsionado pela vontade e é, por isso, um fluxo energético do campo espiritual. Ele é matéria, porém em um estado de rarefação, comportando-se como energia, apresentando-se como ondas.

A onda é o resultado da vibração, ou seja, do deslocamento de partículas no espaço, em movimento de vai-e-vem. O movimento vibratório pode ser comparado a uma oscilação e uma pulsação e é caracterizado por duas medidas: o comprimento de onda – o espaço percorrido pela partícula durante uma vibração completa – e a frequência – quantas vibrações ocorrem num tempo de um segundo. Assim, uma onda pode ser curta ou longa, rápida ou lenta. Quanto menor o comprimento da onda, maior a frequência vibratória e a capacidade de penetração.

O Espírito, estando encarnado ou desencarnado, através do pensamento, emite energias, desta forma, criam ondas mentais gerando em torno de si mesmo um campo de influência, denominado por André Luiz como “hálito mental”. Como o pensamento é uma energia viva, ele se desloca em torno dos corpos como forças sutis, construindo imagens ou formas e assim, criando centros de ondas magnéticas, com os quais a mente atua ou recebe a atuação de outras mentes.

No plano espiritual, o ser lida mais diretamente com o fluido vivo e multiforme que nasce da própria alma. Este é um sub-produto do fluido-cósmico-universal – uma espécie de fluido primordial e que baseia toda a materialidade – absorvido pela mente num processo semelhante à respiração. Ao assimilar o fluido primário, através da própria vontade, o Espírito passa a influenciar naquilo que está criado. Este fluido adquirido é o pensamento contínuo, que segundo os Espíritos, é incessante e renovador¹¹⁰.

¹¹⁰ Ibidem

O que a Doutrina Espírita vêm dizer ao Ocidente é a interação dos “vivos” e dos “mortos” sem interrupção ou limites. Os Espíritos encarnados e desencarnados vivem juntos um dos outros. Entretanto, cada um vive em seu estado vibratório. A materialidade do corpo já condena aquele que está encarnado a viver em uma vibração mais baixa do que aquele que não possui um corpo anímico. Apesar disso, vivem todos imersos em um mar de ondas, saídas das mentes encarnadas e desencarnadas. Estas ondas interagem entre si, afinando-se a outras pulsões com comprimento e freqüência parecidos. Como as ondas mentais são qualificadas pela realidade mais profunda do ser, pode-se dizer que, apesar da sintonia ser um fenômeno de ordem física, sua base é espiritual¹¹¹. A sintonia está ligada ao íntimo de cada um. Ela é a harmonia, o entendimento, a ressonância ou a equivalência. Sintonia é um fenômeno de harmonia psíquica com vibrações equivalentes.

A Lei das atrações e correspondências rege todas as coisas: as vibrações, atraindo vibrações similares, aproxima e vinculam as almas, os corações, os pensamentos (...) para comunicar conosco deverá o Espírito amortecer a intensidade de suas vibrações, ao mesmo tempo que ativará as nossas. Nisso pode o homem voluntariamente auxiliar; o ponto a atingir constitui para ele o estado de mediunidade. (André Luiz, Nos domínios da mediunidade)

A vinculação através do pensamento acontece quando dois ou mais indivíduos estão vibrando na mesma faixa. Desta forma, suas mentes estão em harmonia e há entre eles uma *ligação mental* ou *ponte vibratória*¹¹². Assim, a influência dos Espíritos sobre os encarnados é exercida através da sintonia. Os pensamentos, as palavras e os atos irão determinar o padrão vibratório e a sintonia se estabelecerá com aquilo que os pensamentos estiver afinado, vibrando na mesma faixa. A influência é exercida através de imagens, pensamentos e sensações. A mediunidade é um fenômeno mental e manifestada através do pensamento. Pela mediunidade, o pensamento torna-se argumento. Desta forma, a faculdade mediúnica é caracterizada pela comunicação entre mentes através dos pensamentos. A comunicação se estabelece a partir do momento em que se combinam as forças psíquicas e os pensamentos do médium e do Espírito comunicante.

A mediunidade não se manifesta apenas pela vontade do Espírito ou do médium em se comunicar. A possibilidade da comunicação é estabelecida pela sintonia vibratória aliada à afinidade fluidica dos participantes do fenômeno. A comunicação mediúnica se estabelece por estágios que são fundamentais e independem do tipo de fenômeno intelectual

¹¹¹ PROGEM, 1997: aula 05, p. 03

¹¹² Ibidem

ou mesmo, se o médium é consciente ou inconsciente. O primeiro momento é no qual o médium é sondado psiquicamente para se avaliar sua condição vibratória e suas possibilidades de combinação fluídica com o Espírito que quer se comunicar. Na segunda fase, em que há uma aproximação das entidades, o médium acaba por sentir uma forte influência antes do momento da comunicação. A terceira fase do fenômeno é a da aceitabilidade. Neste momento, o médium percebe a presença do Espírito ao seu lado e aos poucos o seu pensamento é diretamente influenciado para a atividade correspondente à sua sensibilidade, isto é, escrever, falar, ver, escutar. O último momento se dá quando o médium é absorvido pelas emoções e os sentimentos do comunicante. O controle ou não sobre os sentimentos recebidos dependem diretamente do grau de desenvolvimento do médium e do comunicante. Quando a força de vontade de um é maior do que a do outro, este não consegue estabelecer um controle eficiente na comunicação.

4.5 - OS NÍVEIS DA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Segundo Vianna de Carvalho, os estágios anteriores a comunicação começam com a captação sensorial, na qual a mente assimila a idéia e as sensações do Espírito, levando-as até o campo da memória, localizado no corpo fluídico (perispírito). Neste local, o médium reveste as idéias e as informações com palavras para que possa externá-las. O segundo estágio do processo de comunicação é o *mnésico*. Neste momento, o médium cumpre entender o sentido da idéia captada, esteja o intermediário em estado consciente ou inconsciente. Por fim, temos o que é chamado de *estágio intelectual*. O médium comunica as informações ao meio externo com seu vocabulário ou mesmo, do agente comunicante, com a clareza e a fidelidade de acordo com a afinidade que se estabeleceu a comunicação. Este processo ocorre tanto nas formas conhecidas como psicografia quanto na psicofonia. O que varia é o domínio do comunicante, enquanto que na psicografia seus fluidos estão comandando os braços do médium, na psicofonia, sua influência está velada ao aparelho fonador do médium¹¹³.

¹¹³ Médiuns e mediunidade - Cap. 8

Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que lhe depara mais flexível no médium. A um, toma a mão; a outro da palavra; a um terceiro do ouvido. O médium falante geralmente se exprime ser ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. (Kardec: 1861)

Nos dias atuais, a utilização dos membros superiores (psicografia) e do aparelho fonador (psicofonia) são os métodos de intercâmbio mais presente nas relações entre o mundo físico e o mundo espiritual¹¹⁴.

4.5.1 – A PSICOGRAFIA

Os médiuns psicógrafos também são conhecidos como *médiuns escreventes*. É através da psicografia que os Espíritos encontram maior facilidade para exprimirem seus pensamentos. É uma faculdade apta a ser desenvolvida pelo exercício constante e disciplinado.

Segundo Kardec¹¹⁵, a escrita manual é o método de comunicação mais simples, mais cômodo e o mais completo. Ressalta que quanto maior foi o entrosamento entre o médium e o Espírito comunicante, maior serão os resultados obtidos. Para que isso ocorra, é necessário que o Espírito se valha sempre que puder do mesmo aparelho carnal. É através da racionalização das palavras do vocabulário que os Espíritos se revelam superiores ou inferiores, seja moral ou intelectualmente.

Os médiuns psicógrafos são classificados em três categorias – mecânicos, semi-mecânicos e intuitivos. São *mecânicos* aqueles em que o Espírito age diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-lhe sugestões completamente independente da vontade deste. Segundo Kardec¹¹⁶, o que caracteriza este fenômeno é a falta de consciência do médium sobre o que está sendo escrito. Como há uma inconsciência absoluta, o Espírito comanda a ação totalmente, movimentando o braço do médium e transmitindo o seu pensamento sem nenhuma interferência. Neste caso, o médium mecânico funciona tal como uma máquina, daí o nome *mecânica*.

No livro "Nas fronteiras da loucura" Manoel Philomeno de Miranda, descreve este processo de comunicação. Segundo o autor, o Espírito comunicante sobrepõe seu braço

¹¹⁴ Apostila do Projeto de Orientação para Grupos Mediúnicos – Aula 10 – p. 01

¹¹⁵ O Livro dos Médiuns – Cap. 15, item 178

¹¹⁶ Idem – Cap. 15, item 179

sobre o do médium, com perfeita sincronia. No mesmo instante, ocorre um controle dos centros motores do médium por parte do Espírito comunicante.

Este processo foi o que mais possibilitou a dar-se provas cabais da sobrevivência da mente após a morte do corpo físico. Através da caligrafia de pessoas que haviam morrido, pode-se comprovar a existência de vida após a morte. A assinatura do comunicante pode ser identificada como idêntica ou bastante parecida com aquela que lhe era própria quando ainda encarnado.

Um dos exemplos mais notáveis da psicografia mecânica, com mais de 500 obras publicadas, foi, sem sombra de dúvida, o brasileiro Francisco Cândido Xavier. Desde 1927, quando passou a psicografar as mensagens do além, Chico, afirma ter sentido que um Espírito tomava-lhe o braço como se este fosse um instrumento mecânico utilizado para a escrita. Ele ainda relata que muitas vezes não têm consciência do que está sendo escrito, apesar de que em algumas ocasiões, o Espírito comunicante fizesse com que ele sentisse o seu campo mental. Desta forma, Chico define o processo como se o seu braço fosse “um aparelho elétrico repentinamente ligado á força”¹¹⁷, cuja origem ele mesmo não pode precisar.

Precisando ainda mais o processo, o Espírito comunicante atua sobre a região perispiritual correspondente ao braço do médium, “ocupando os nervos dessa zona física e assumindo seu comando motor, sem interferência do psiquismo do médium”¹¹⁸.

Nos médiuns psicógrafos *semi-mecânicos*, diferentemente dos mecânicos, o movimento dos braços é facultativo á sua vontade e não involuntário como no modelo anterior. Ocorre que o intermediário sente o impulso em seu braço e, simultaneamente, tem consciência do que escreve.

O terceiro tipo de médium que se habilita a ceder seus braços para transmitir mensagens espíritas é o médium de *intuição*. Através da ligação com o perispírito, o Espírito atua sobre o médium. Segundo Kardec¹¹⁹, neste tipo de transmissão de mensagem, o Espírito não atua sobre a mão do médium (caso este que ocorre nos dois últimos exemplos), mas sim sobre o perispírito do médium que se identifica. Assim, sob este impulso, a alma receptora dos impulsos inteligentes, dirige a mão e esta dirige o lápis. O

¹¹⁷ SHUBERT, Suely – Testemunhos de Chico Xavier – Cap. 10

¹¹⁸ ANDRÉA, Jorge – Nos Alicerces do Inconsciente – Cap. 5

¹¹⁹ Ibidem – Cap. 15, item 180

papel de quem recebe a intuição não é de inteira passividade, pois recebe e transmite o pensamento do Espírito livre.

O médium tem consciência do que escreve, mas os pensamentos estão sendo sugeridos, vão se agrupando em sua mente enquanto se desenvolve a escrita. Analogamente, o médium intuitivo age como se fosse um intérprete. Muitas das vezes, por falta até de conhecimento desta possibilidade, a intuição e a escrita são desassociada. Por isso, muito daquilo que foi escrito e assinado por alguém, pode muito bem ter sido sugerido e realizado em parte ou totalmente, por algum outro ser ou mente.

4.5.2 – A PSICOFONIA

Os médiuns psicofônicos também conhecidos como *médiuns falantes*. Popularmente, a psicofonia é conhecida como *incorporação*. Entretanto, segundo o Espiritismo, este é um termo incorreto, pois dá a impressão de que o Espírito comunicante entra no corpo do médium. Na verdade, esta faculdade permite que o Espírito se utilize apenas dos órgãos do aparelho fonador do médium.

Existem dois tipos de psicofonia. Uma consciente e outra inconsciente. Isto se deve ao tipo de transe e ao controle do médium sobre sua faculdade. No primeiro tipo, o médium tem consciência exata do que ocorre. As irradiações perispirituais do médium entram em contato com o Espírito comunicante e assim, se forma uma atmosfera fluídica que capacita a transmissão do pensamento do Espírito para o médium e deste para o público que o assiste. A transmissão destas informações será conforme as possibilidades intelectual, gestual e de vocabulário do próprio médium. Ele atua como se fosse um intérprete da idéia sugestionada pelo Espírito.

Neste tipo de mediunidade, há pouca exteriorização perispiritual (alargamento do veículo de comunicação do médium com o seu corpo), e este mantém o controle das palavras e gestos do comunicante. A mentalização chega ao médium através de sua corrente nervosa. Desta forma, reconhece os estímulos em sua formação e, por isso, há como deliberar sobre a forma como irá divulgá-los.

Os médiuns que possuem a psicofonia de forma inconsciente não têm noção da mensagem que é transmitida através de seu veículo físico (corpo material). Neste tipo de

mediunidade, há um afastamento do corpo perispiritual do médium e, por isso, o grau de passividade do médium é maior do que no exemplo anterior.

4.5.3 – AS MANIFESTAÇÕES VISUAIS: VIDÊNCIA E CLARI- VIDÊNCIA

Apesar do perispírito se fazer invisível aos olhos do corpo físico, em determinadas circunstâncias através da modificação dos fluidos, ele pode se tornar visível. Isto ocorre por uma espécie de condensação do corpo espiritual ou por uma mudança na disposição molecular do mesmo corpo fluídico. Entretanto, para que um Espírito esteja visível não basta que este queira ou que alguma pessoa encarnada deseje. É necessário que os fluidos de ambos possam combinar. Os médiuns videntes são aqueles que tem capacidade para ver Espíritos. Eles possuem em seu corpo, o fluido necessário para enxergar o mundo espiritual. Assim, para que haja a comunicação visual, basta que o Espírito e o médiumintonizem seus fluidos.

Kardec, no item 100 em “O Livro dos Médiuns” questiona às entidades que o esclarecem se os Espíritos podem tornar-se visíveis. A resposta dada por seus instrutores é que estes são visíveis, principalmente, durante o sono. Porém, algumas pessoas são dotadas da percepção visual em vigília. No mesmo item, os Espíritos informam que o processo ocorre em condições normais, mas muitas das vezes, as pessoas que os vêem, estão em um estado próximo do êxtase. Segundo os Espíritos, este estado facultaria às pessoas uma espécie de dupla-visão. Eles dizem “na realidade é a alma que vê”, por isso muitos os enxergam mesmo com os olhos do corpo físico fechados.

A vidência seria a visão de Espíritos ou do plano espiritual ocasionada através da intervenção de entidades desencarnadas, portanto um fenômeno mediúnico¹²⁰. Já a clarividência é a visão da mesma dimensão espiritual, porém através da sensibilidade da própria pessoa, sem a intervenção ou auxílio dos Espíritos.

¹²⁰ Há divergências entre os autores em respeito aos termos “vidência” e “clarividência”. São usados por alguns como sinônimos. Todavia neste estudo estaremos considerando a vidência como uma forma de mediunidade e a clarividência como uma qualidade anímica, ou seja, a própria sensibilidade do corpo físico da pessoa, sem a intervenção de Espíritos.

Os médiuns que possuem a faculdade de ver Espíritos é conhecido como *médium vidente*. Dentre estes, existem aqueles que conservam a lembrança exata do que estão vendo e aqueles que permanecem em um estado de transe sonambúlico. Ou seja, estes últimos possuem a visão de forma inconsciente, relatando o que vêem, mas sem o lembrar após a manifestação. Kardec considera como médiuns videntes todas as pessoas que possuem uma segunda vista, ou seja, a capacidade de ver os Espíritos com os olhos fechados ou abertos. Portanto, com os olhos materiais ou com a percepção espiritual. Segundo os estudos de Jorge Andréa, os centros nervosos da visão são afetados pelas vibrações. O perispírito, através de seus centros especiais¹²¹ passam as “impressões” aos centros nervosos da zona de percepção consciente. Esta impressão varia de modo sensível conforme o desenvolvimento da mediunidade ou o adiantamento do Espírito. Dificilmente, a vidência é percebida da mesma forma por dois médiuns. Cada médium irá perceber de acordo com sua capacidade de registro das vibrações captados por seu perispírito e enviadas ao seu consciente.

¹²¹ Usualmente conhecidos como Chakras. Eles são num total de sete e são os principais responsáveis pela comunicação entre o Espírito e o corpo físico.

5 – CONCLUSÃO

Sabe-se muito bem que o mundo da pós-modernidade está aberto para a investigação do ser em suas variadas formas e tentativas. Não se observa esta tarefa apenas na codificação do Espiritismo, mas também em outras várias teorias que são aceitas por diversas escolas. Por coincidência ou não, a maioria destes estudos vieram à tona na mesma época, ou numa faixa de anos mais ou menos próxima – a partir da metade do século XIX. As teorias psicológicas que tratam do inconsciente, a física quântica, a filosofia moderna e até mesmo a pintura do século XX têm em comum a busca em revelar, investigar, apontar à mente ou ao crivo coletivo, as possibilidades do homem e da natureza que sempre estiveram veladas pela ignorância humana.

A filosofia de Nietzsche busca o entendimento do processo, não se importando mais com o conteúdo, assim, quer “o valor dos valores”¹²². Os antropólogos nos apontam em seus estudos a necessidade de ampliar a visão do homem europeu sobre as funções e possibilidades do ser humano. Não há um modelo ideal de cultura. Freud mesmo discute em “Mal-estar na civilização”, a própria necessidade da sociedade para o homem. Por isso, o estudo de uma comunicação invisível tem que estar isento do orgulho cego que enxerga, vê, escuta os fatos, mas mesmo assim, insiste em desviar os olhos de outrem por interesses econômicos, políticos ou mesmo, por fragilidade interna e medo do desconhecido. Imaginem que a propagação de uma certeza de vida após a morte, acabaria por botar em xeque várias armas usadas no controle dos povos. Inclusive, diminuiria em muito o peso e o culto à morte, característica fundamental da opressão em nossa sociedade.

Marshall McLuhan, em sua célebre obra “Os meios de comunicação como Extensões do Homem”, aponta que um dos principais problemas relativos à evolução tecnológica da humanidade é a maneira como esta lida com a novidade. A inovação técnica é reconhecida como uma inovação perturbadora, inquietante. As novas tecnologias trazem impacto físico e social, criando um novo ambiente. As conseqüências psíquicas e sociais características das antigas tecnologias serão afetadas¹²³.

Quando o homem deixou o mundo antigo, no qual a comunicação era exercida oralmente e o conhecimento à cargo da memória perecível, a inteligência deixou de ser

¹²² Nietzsche – Para além do bem e do mal

¹²³ McLuhan – Os meios de comunicação como extensões do homem. Toronto.(1963) p 22

substancial e passou a ter um caráter material, a ser escrita na matéria. O conhecimento foi fixado no tempo, não era mais perecível como o corpo do homem. Entretanto, guerras, evoluções tecnológicas, descobertas incessantes fizeram da informação o bem mais útil para o homem. Assim, processando os dados infinitamente em rede, através da energia elétrica, o conhecimento alcançou algo além da oralidade e da razão. Estamos imersos na própria inteligência e o papel de cada um é estar sintonizado da melhor forma com o seu propósito. O indivíduo se transformou em meio, não mais emissor ou receptor. É como se cada ser humano fosse um ator e, ao mesmo tempo, a platéia. Estaríamos em cima e embaixo do grande palco – o mundo. A peça chamada de “vida” começa antes da atuação do indivíduo e não termina depois de sua saída. Sua função no palco não são os aplausos da platéia ou de seu ego – o espelho que o vê da platéia - mas sim o entendimento da mensagem que o seu personagem passa ao mundo. Quanto melhor for o desprendimento da própria vaidade, mais facilmente a mensagem transporá o palco e acolherá quem quer que se instrua por ela.

No palco da vida há sempre um interesse regido por algo que se esconde por máscaras. Sociais ou espirituais, os disfarces sempre foram apontadas por pensadores como um mal aceito e pouco entendido pela maioria dos homens. Nietzsche, Freud, Deleuze, Negri, Sócrates, Platão, Baudrillard são apenas alguns exemplos que se inserem nesse contexto de observação de uma verdade velada por interesses outros que não a evolução coletiva. Há no ímpeto daqueles que nos regem, uma tentativa de nos conservar em estado latente, talvez assim, para que a aristocracia não tenha seu poder dissolvido. De tempos em tempos, apesar do aperto destas lideranças, alguns conseguem se destacar dentre a multidão e seu discurso acaba por trazer mudanças significativas.

O Espiritismo se vale destes pensadores como arquitetos de sua doutrina. Utiliza-se de Sócrates e Platão como alicerces da razão, pois a investigação Espírita está pautada na busca racional para o entendimento das coisas. É de seu interesse a instrução de seus estudiosos, assim como o desenvolvimento do intelecto através de conclusões íntimas e do exercício fundamental da razão. No livro mais religioso da obra de Kardec, temos um postulado que serve à todos os que se interessam pela doutrina: “Espíritas, instruí-vos”¹²⁴. Tanto foi assim que são inúmeros os autores espíritas em todo o mundo. Não há um

¹²⁴ O Evangelho Segundo o Espiritismo

interesse mercadológico, ideológico ou fantástico no discurso Espírita, muito pelo contrário. A Doutrina tem como meta a instrução do homem para que ele mesmo possa entender o seu significado e não estar à mercê de um terceiro que lhe diga qual é sua função e o seu destino na vida.

Para o Espiritismo não existem ricos ou pobres, feios ou belos, negros, brancos ou amarelos, mas sim, seres que advém de uma mesma causa, que adquiriram a possibilidade de escolher e assim, vagam pelo universo, mais ou menos felizes, de acordo com as descobertas feitas por si. Desta forma, a mediunidade seria um atributo do homem encarnado que o liga até um conhecimento ignorado, entretanto, tão ou mais tecnológico que os meios descobertos pela ciência terrestre. O corpo de carne seria uma vestimenta especial para a alma. Desta forma, ele, o corpo, serviria-nos como um suporte, um meio para que pudéssemos interagir com a realidade animal e, nesta situação, aprender cada vez mais o significado da existência.

A partir da educação de nossos sentidos e do conhecimento de nossas potencialidades seríamos capaz de sairmos da condição animalesca, alcançar uma felicidade relativa e, então, ter uma proximidade com a máxima de Jesus, na qual afirma no evangelho de João que os homens são deuses. Portanto, criadores. Não mais criaturas à mercê da vontade de nossos senhores. Tanto para os opressores quanto para os oprimidos a informação foi e é o braço que sustenta o balanço em que se encontram sentados frontalmente. Segundo o Espiritismo, as posições sociais são papéis que assumimos de quando em quando. Na Índia, o sistema de castas também tem relação com a espiritualidade. Acreditam os hindus que o nascimento em castas inferiores ou superiores são determinados pelas ações decorrentes de outras existências. O Espiritismo alega que a sociedade nos serve como base para uma aprendizagem maior. Estaríamos aqui para adquirirmos sentimentos e conhecimentos. A grande busca de todos nós seria o equilíbrio da sabedoria e do amor. Porém nenhum dos dois têm o significado expresso em palavras ou bens, muito pelo contrário, fazem parte da inteligência universal. Enquanto a sabedoria nos dá a indicação e a disciplina de nossas potências, o amor harmoniza a utilização de nossas forças para que o benefício sempre esteja ao lado de quem saiba amar. O meio termo necessário para que estas duas virtudes estejam co-existindo, nada mais é do que a

comunicação. Será ela que dará base para o conhecimento da matéria e do Espírito, do princípio e do final. Nós, homens, já somos o meio.

6 - BIBLIOGRAFIA

BALDUINO, Leopoldo - **Psiquiatria e mediunidade** – Rio de Janeiro: FEB, 1993.

BERSOT, Ernest – **Mesmer e o magnetismo animal** – Tradução José Jorge. Rio de Janeiro: CELD, 1995.

CAPRA, Fritjof – **O Tao da física** – São Paulo: Cultrix, 1987.

CARVALHO, Vianna de – **Médiuns e Mediunidade** – Psicografia Divaldo P. Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

CERVIÑO, Jayme – **Além do inconsciente** – Rio de Janeiro: FEB, 1996, 4ªEd.

DEBRAY, Régis – **Midiologia geral** – Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DELEUZE, Gilles - **Nietzsche e a Filosofia** - Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELANNE, Gabriel – **A alma é imortal** – Rio de Janeiro: FEB, 1993.

DELANNE, Gabriel – **A evolução anímica** – Rio de Janeiro: FEB, 1995.

DENIS, Leon – **No invisível** – Rio de Janeiro: FEB, 1990

FREUD, Sigmund – **O mal-estar na civilização** – Tradução de José Octávio Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997

HILL, Telenia – **O trajeto da imanência** – Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

LÉVY, Pierre – **A conexão planetária** - Tradução Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

LÉVY, Pierre - **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática** - Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LUIZ, André – **Nos domínios da mediunidade** – Psicografia Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2002, 29ªed.

LUIZ, André – **Mecanismos da mediunidade** - Psicografia Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2002

LUIZ, André – **Evolução em dois mundos** - Psicografia Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2000

KARDEC, Allan – **A Gênese** – Tradução Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro: FEB, 1985, 28ª ed.

KARDEC, Allan – **O céu e o inferno** – Tradução João Teixeira de Paula, São Paulo: LAKE, 1966.

KARDEC, Allan – **O Livro dos Espíritos** – Tradução Renata e Simone da Silva, São Paulo: PETIT, 1999

KARDEC, Allan – **O Livro dos médiuns** – Tradução Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro: FEB, 1954.

KARDEC, Allan – **O que é espiritismo** – Tradução Wallace Rodrigues, São Paulo: LAKE, 1998.

KARDEC, Allan – **Obras póstumas** – Tradução João Teixeira de Paula, São Paulo: LAKE, 1966.

KERCKHOVE, Derrick de – **A pele da cultura** – Lisboa: Relógio d'água, 1997

MASER, Siegfried – **Fundamentos da teoria geral da comunicação: uma introdução aos seus métodos e conceitos fundamentais**. Tradução Leônidas Hegenberg, São Paulo: EPU, EDUSP, 1975.

McLUHAN, Herbert Marshall - **A Galáxia de Gutemberg** - Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. S.P: Companhia Editora Nacional, 2a. ed., 1977.

McLUHAN, Herbert Marshall - **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem** - Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Ed. Culturix, 1969.

MIRANDA, Hermínio C. - **Sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos** – Brasília: FEB, 1975.

MORAES, Denis de – **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Edras do – **Teoria da comunicação e literatura**, Rio de Janeiro: Cátedra, 1975

PARENTE, Andre (org.) – **Imagem máquina** – São Paulo, Ed. 54, 1996, 2ªed

PLATT, Washington – **A produção de informações estratégicas**, Rio de Janeiro: Agir, 1974

POLISTCHUCK, Ilana e TRINTA, Aloísio – **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo**, Rio de Janeiro: Campus, 2003

PROGEM – **Projeto de orientação para grupos de estudos da mediunidade** – Juiz de Fora: AME, 1997

ROYAUMONT, Cahiers de – **O conceito de informação na ciência contemporânea**, Tradução de Maria Helena Kühner, Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1970

SÁ, Idisia comp. **Fundamentos científicos da comunicação**, por E. Ditay Bezerra de Menezes e outros. Petrópolis: Vozes, 1973

SHANNON & WEAVER – **Teoria matemática da comunicação**, São Paulo: Difusão, 1975

PESQUISA NA INTERNET

www.ibge.br

www.febnet.org.br

www.connect.com.br

www.espiritismo.org.br

www.portalespiritismo.hpg.ig.com.br

br

